

## **CASA COMO LAR**

MARINE MARIANE COSTA DE OLIVEIRA

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO**

**MARINE MARIANE COSTA DE OLIVEIRA**  
**A CASA COMO LAR—UM LUGAR PARA VIVER**

**FORTALEZA  
2015**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO**

MARINE MARIANE COSTA DE FORTALEZA:

**A CASA COMO LAR—UM LUGAR PARA VIVER**

Graduação submetida à banca de conclusão de curso da  
Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial  
para obtenção do grau de Graduação em Arquitetura e Urbanismo.  
Área de concentração: Organização do Espaço e  
moradia com suas origens e desenvolvimento.  
Orientador: Prof. Dr. Marcondes Araújo Lima.

FORTALEZA  
2015

Dados do trabalho

MARINE MARIANE COSTA DE OLIVEIRA

CASAS COMO LAR–UM LUGAR PARA VIVER

Graduação submetida à Coordenação de conclusão de curso da Faculdade Arquitetura e Urbanismo em da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do grau de Graduação no curso de Arquitetura e Urbanismo

Área de concentração: Organização do Espaço, a Casa e seu Desenvolvimento.  
Aprovada em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Marcondes Araújo Lima (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará – UFC

---

Prof. Arquiteto Pedro Eymar Barbosa Costa  
Universidade Federal do Ceará – UFC

---

Arquiteto Eduardo Accioly

Aos meus pais, pelo amor, incentivo e apoio incondicional. Agradeço a meus pais e amigos, que me deram apoio, incentivo nas horas difíceis, de desânimo e cansaço e ao casal Sr. e Sra. Costa pela oportunidade oferecida para reformar sua casa e criar um lar para sua família.

## **Resumo**

A casa é umas das tipologias mais importantes no mundo e uma das mais reproduzidas. Reafirmar sua importância e questionar como está sendo produzida e tratada é um dos objetivos deste trabalho. No âmbito social e econômico, vê-se o problema do déficit de moradia e a busca por habitações com qualidade arquitetônica. Acima de tudo, a casa deve ser um lugar que reflete a cultura, história e perspectiva de seus residentes; reduzir essa tipologia à noção de um programa de sala, quarto e banheiro é um problema grave. Projetar, construir ou reformar uma casa é realizar os sonhos das pessoas e isso não pode ser menosprezado.

Este trabalho foi feito para reafirmar essa importância, e demonstrar com um exemplo prático que somar características culturais e regionais em uma residência comum é possível e viável. Algumas características e necessidades do cliente direcionaram parte do trabalho, como a influência da cultura chinesa, do feng shui e da arquitetura tradicional japonesa.

O espaço familiar deve ser entendido como um lar, um lugar da identidade e deve ser tratado com a devida importância.

## **ABSTRACT**

Home is one of the most important and redone typologies in the world. To restate its importance and question how it's being put to use is one of this work's objectives. In the social and economic range, both the availability of housing and the quality of its architecture are lacking. A home must be, above all, a place that reflects the culture, history and viewpoint of its inhabitants; to reduce said typology to consist of a living room, a bedroom and a restroom is a grave mistake. To design, build or restore a home is to allow people to attain their dreams and this aspect shouldn't be ignored.

This thesis was created to reaffirm this need and to demonstrate with a practical example that applying cultural and regional characteristics to the project of common housing is not only feasible but also viable. The client's needs and desires dictated part of the work, such as the influence of oriental culture, such as Feng Shui and traditional Japanese architecture.

Family space must be understood as a home, a place of identity, and must be treated with due importance.

## Lista de Figuras

FIGURA 01- Casa mobiliada com as necessidades do dono. ....	22
FIGURA 02- Loft impessol.....	22
FIGURA 03- Exemplo de uma bicama medieval.....	23
FIGURA 04- Exemplo de uma cômoda/baú medieval.....	23
FIGURA 05- Exemplo de uma mesa medieval expansível e dobrável.....	23
FIGURA 06- Exemplo de uma cama medieval com aquecedor.....	24
FIGURA 07- Exemplo de moradia medieval.....	24
FIGURA 08- Imagem da cidade de Toledo, representando o aumento dos andares.....	25
FIGURA 09- Imagem do Palácio Schönbrunn na Austria em meados de 1640 mostrando a ausência de corredores entre os quartos.....	26
FIGURA 10- Imagem da Capital Holandesa, Amsterdam, mostrando a implantação e o número de andares dos edifícios.....	28
FIGURA 11- Cadeira estilo Luíz 14.....	30
FIGURA 12- Cadeira estilo Luiz 15, demonstrando o avanço no conforto no mobiliário.....	30
FIGURA 13- Cômodo no palácio de Versalhes. mostrando como a lareira se tornou um elemento escultórico.....	31
FIGURA 14- Imagem 014-Casa Americana em estilo Georgiano.....	31

FIGURA 15-Exemplo de formação de favelas decorrentes do problema habitacional no Brasil,2010.....	38
FIGURA 16- Gráfico de déficit relativo por unidades do estudo Déficit Habitacional Municipal no Brasil de 2010.....	40
FIGURA 17- Gráfico do déficit relativo por unidades do estudo Déficit Habitacional Municipal no Brasil de 2010 por renda.....	41
FIGURA 18- Gráfico do déficit relativo por unidades do estudo Déficit Habitacional Municipal no Brasil de 2010 por renda.....	41
FIGURA 19- Gráfico do da distribuição dos setores subnormais por regiões,2010.....	42
FIGURA 20- Gráfico da distribuição financeira pelo tipo de recurso,1980-2002. ....	45
FIGURA 21- Imagem de um conjunto habitacional construído na Bahia.....	49
FIGURA 22- Plano Diretor por Adolf Herbzter do sec. 19.....	50
FIGURA 23- Plano Diretor do urbanista Nestor Figueiredo.....	51
FIGURA 24- A beira mar nos anos 70 com pouca ocupação da praia.....	54
FIGURA 25- Casa não habitada, um exemplo de espaço.....	57
FIGURA26- Espaço habitado que se caracteriza como um lugar.....	57
FIGURA 27-Todo lugar é espaço, mas nem todo espaço é lugar.....	57

FIGURA 28- Medidas universais humanas usadas como referência para projetos de arquitetura, fabricação de móveis, etc.....	58
FIGURA 29- Relação do homem com sua frente, costas e laterais. O futuro está à frente e “acima”. O passado está atrás e “abaixo” .....	59
FIGURA 30- Planta baixa da oca Tupi Guarani.....	61
FIGURA 31- Perspectiva da oca Tupi Guarani.....	61
FIGURA 32- Construção de indígena tolde encontrada na periferia de Brasília em 1964.....	62
FIGURA 33- Exemplo da casa do seringueiro.....	63
FIGURA 34- Exemplo da casa do seringueiro.....	63
FIGURA 35- Exemplo de casa de palafita encontrado a beira do Rio Xaburi Acre.....	63
FIGURA 36- Exemplo de casa de buriti nas margens do Rio São Francisco Bahia.....	63
FIGURA 37- Exemplo de casa de buriti nas margens do Rio São Francisco Bahia.....	64
FIGURA 38- Exemplo de vila indígena sem praça central que originou uma cidade, Vila de Nova Orém, Pará.....	64
FIGURA 39- Exemplo de vila indígena com praça central que originou uma cidade, Jacareí, São Paulo.....	64
FIGURA 40- Desenho das casas porta e janela. ....	65
FIGURA 41- Desenho das casas porta e janela.....	65

FIGURA 42- Planta baixa da casa porta e janela e seu desenvolvimento.....	66
FIGURA 43- Desenho das casas porta e janela.....	66
FIGURA 44- Desenho das casas porta e janela com mesmo tratamento de fachada.....	67
FIGURA 45- Residência com o forro habitável.....	67
FIGURA 46- Planta baixa e corte de um sobrado segundo Vauthier.....	67
FIGURA 47- Exemplo de cubatas construídas no quilombo Cuanhama, sudeste de Angola.....	69
FIGURA 48- Exemplo de cubatas redondas construídas no nordeste.....	69
FIGURA 49- Exemplo de cubatas retangulares com 2 águas.....	70
FIGURA 50- Exemplo de palafitas da aldeia Ganviê, na nlaguna Noque ,Benim.....	70
FIGURA 51- Exemplo de casa com pequena janela de treliça ao costume da africano.....	71
FIGURA 52- Esquema com as tipologias e suas variações existentes.....	72.
FIGURA 53- Mostra a relação distinta entre o ponto do modo de perceber os objetos. O primeiro representa a visão do ocidente representando a independência dos corpos e a segunda do oriente mostrando o ki presente em todos os corpos.....	74

FIGURA 54- Representação da influência do ki entre os corpos.....	75
FIGURA 55- Imagens utilizadas no documentário.....	76
FIGURA 56 Imagens utilizadas no documentário.....	76
FIGURA 57- Perspectiva desenvolvida pelo ocidente. Na pintura de Joseth Mallord de 1801.....	76
FIGURA 58- Exemplo da retorperspectiva em um quadro tradicional oriental.....	76
FIGURA 59- Representação da Rede de Indra.....	77
FIGURA 60- Uso de Shoji para proteger a privacidade da residência.....	80
FIGURA 61- Diferenciação dos materiais do piso para sinalizar a entrada no privado.....	80
FIGURA 62- Diferenciação dos materiais do piso para sinalizar a entrada no privado.....	80
FIGURA 63- Diferenciação dos materiais do piso para sinalizar a entrada no privado.....	80
FIGURA 64- Diferenciação dos materiais do piso para sinalizar a entrada no privado.....	80
FIGURA 65- A continuidade espacial japonesa.....	81
FIGURA 66-Exemplo de uso distinto do espaço pela disposição de mobiliário.....	82
FIGURA 67- Uso distinto dos paineis de shoji.....	82
FIGURA 68- Visão da entrada da natureza através dos shoji.....	82

FIGURA 69- Um exemplo de casa da cidade(machiya) de Kyoto utilizado toda a área em um plano para 3 casas.....	82
FIGURA 70- Exemplo do Irori da casa de Bruno Taut em sua estadia no Japão.....	83
FIGURA 71- Senshintei: “Pureza de corazón”, la casa donde vivirán Bruno Tauty su mujer durante el tiempo de su estancia en el Japón (1933-1936).....	85
FIGURA 72 - Fotografia do quarto da filha.....	93
FIGURA 73- Fotografia do quarto da filha.....	93
FIGURA 74- Fotografia do quarto de empregada.....	94
FIGURA 75- Fotografia do serviço.....	94
FIGURA 76- Fotografia do quarto de casal.....	94
FIGURA 77- Fotografia do quarto de casal.....	94
FIGURA 78- Fotografia do banheiro casal.....	95
FIGURA 79- Fotografia do banheiro casal.....	95
FIGURA 80- Fotografia do banheiro social.....	95
FIGURA 81- Fotografia do banheiro social.....	95
FIGURA 82- Fotografia do quarto de hóspede que se tornará quarto da filha.....	95
FIGURA 83- Fotografia do quarto de hóspede que se tornará quarto da filha.....	95
FIGURA 84- Imagem renderizada do projeto do quarto da filha.....	96
FIGURA 85- Imagem renderizada do projeto do quarto da filha.....	96

FIGURA 86- Imagem da sala hoje.....	96
FIGURA 87-Imagem da sala projetada.....	96
FIGURA 88- Fotografia da cozinha.....	97
FIGURA 89- Imagem da cozinha, serviço e quarto de empregada.....	98
FIGURA 90- Imagem do quarto de casal.....	98
FIGURA 91- Imagem do quarto de casal.....	98
FIGURA 92- Imagem do quarto de hóspede.....	99
FIGURA 93- Imagem do quarto do banheiro social.....	100
FIGURA 94- Imagem do quarto do banheiro de casal.....	100

## Sumário

Introdução .....	18
1.1. Objetivos .....	19
1.1.1 Geral .....	19
1.1.2 Específicos .....	19
1.2 Os motivos da escolha do tema .....	19
2.1. Importância da tipologia arquitetônica. ....	21
2.2. Conforto. ....	23
2.2.1. O desenvolvimento da ideia de conforto na Holanda .....	27
2.2.2. Conforto no Mobiliário .....	30
2.4. Arquitetura moderna e o lar. ....	34
2.4. Conclusão .....	36
03. A questão da Moradia no Brasil. ....	37
3.1. Aspectos Conceituais .....	37
3.2 O Déficit de moradias .....	38
3.3. Ocupação ilegal .....	42
3.4 Programas do governo .....	44
4.1. Evolução Urbana de Fortaleza .....	50
5.1 Espaço e Lugar .....	56
5.2. Formação étnica brasileira .....	59
5.3. Índios .....	60
5.3.1. Contribuições indígenas para a arquitetura popular .....	62
5.4. Portugueses .....	64
5.5. Negros .....	68
5.5.1 As Contribuições dos negros .....	68
5.7. Diferentes visões de mundo: Oriente e ocidente .....	74
5.8. Introdução ao Feng Shui .....	77
5.9. Arquitetura Japonesa .....	80
5.9.2. Casa Minka, casa tradicional japonesa. ....	82
5.9.2. A questão do habitar em Fortaleza .....	85
06. Memorial Descritivo .....	89
6.1. Localização .....	89

6.2.Perfil do cliente .....	90
6.3Contextualização.....	90
6.3.1.Sr Costa.....	90
6.3.2.Sra Costa.....	90
6.3.3.Casa Madrid .....	91
6.3.4.Pakua .....	91
6.4.Influencia Japonesa no projeto.....	92
6.5.Influência Regional no projeto.....	92
6.6.O Bairro .....	92
6.7.O apartamento.....	93
6.7.1.Problemática .....	93
6.8.Projeto.....	95
6.8.1.Quarto da filha .....	95
6.7.3.Cozinha .....	97
6.7.4.Áreas de Serviço .....	98
6.7.5.Suíte de casal.....	98
6.7.6.Escritório/Quarto de Hóspede .....	99
6.7.7. Banheiro .....	99
Conclusão .....	101
Bibliografia.....	102

## 7.0.Pranchas

01.Localização	14.Vistas Suíte Casal
02.Planta de Situação	15.Detalhamento Suíte Casal
03.Planta de Situação-lote.	16.Vista- Cozinha, Área de Serviço e WC
04.Pavimento tipo	17.Cozinha
05.Pavimento tipo reforma	18.Cozinha Vistas
06.Proposta	19.Escritório/Quarto de Visitas
SETORIZAÇÃO	20.Wc Sala
07.Sala de Estar	21.Wc Suíte Casal
08.Detalhamento sala de estar	22. Vistas internas- Perspectivas
09. Detalhamento sala de estar/ jantar	22 A. Detalhamento Geral
10. Planta Baixa-Quarto da Filha	23. Detalhamento Utensílios
11.Vistas quarto filha	24. Perspectiva- Plano Geral
12.Detalhamento Quarto Filha	

## Introdução

Abrigo e alimentos representam necessidades básicas do ser humano, pensando desta maneira, o abrigo para o lar é a tipologia mais construída no mundo. Sua complexidade está no fato de cada cliente ser distinto e ter prioridades e desejos distintos. A cultura, história e a experiência pessoal são estes diferenciais. Entender estas preferências é o dever dos arquitetos, no entanto, nem todos podem construir do zero sua moradia e têm que adaptar às que já existem. Os problemas ocorrem quando o lucro retira a qualidade do projeto, quando usa a repetitividade do projeto em locais distintos, ou quando acabamentos e alguns elementos são colocados ao mínimo prejudicando a espacialidade. Espaços muito pequenos permitem o essencial para a vida e não mais que isso: comer e dormir. Pé direito baixo pode dar claustrofobia e diminuir a sensação espacial ainda mais.

Questões como estas esbarram em uma realidade ainda pior, a falta de moradia. Se o que se constrói é em muitos casos sem qualidade construtiva e espacial, o número de pessoas sem moradia e sem moradia digna é ainda maior no país. Medidas estão sendo tomadas para resolver este problema, mas muito ainda precisa ser feito. Seja como tipologia, seja como direito constitucional, esta questão não pode ser esquecida nem menosprezada, pois é mais grave ainda pensar que de todos os edifícios entregues, os regularizados que já são poucos, nem todos atendem às normas de segurança como: falhas estruturais e qualidade do projeto espacial questionável.

Para entender esta tipologia, um estudo da história da tipologia(lar) é necessário, perceber questões como família, privacidade, conforto influenciaram o que chamamos hoje de lar. Ela é o lugar no qual sentimos conforto e segurança. Este trabalho busca mostrar que o lar é mais que abrigo, é um local muito importante e questões como história pessoal, vivência interferem no modo que são vivenciado e percebido. Características com a da idade e da altura, mudam drasticamente o modo de usar o espaço. A diferença entre um espaço e um lugar é um dos pontos chave deste trabalho. O lar é um lugar e por isso, foi escolhido uma reforma que será executada tendo um cliente real e não um idealizado.

Memória, lugar, espaço, privacidade, família, conforto são conceitos chaves do trabalho que me levaram a escolher o lar como projeto. Cada residência é um desafio e tornar os sonhos das pessoas realidade é o maior deles.

Para melhor compreensão, estruturou-se esta pesquisa da seguinte forma:

- No capítulo 01, faz-se a introdução. No 02, pensa-se o lar como tipologia questionando-se sua importância, história e desenvolvimento. Conceitos como “família”, “privacidade”, “domesticidade” e “conforto” são fundamentais para

entender este desenvolvimento. No terceiro capítulo, a questão da habitação no Brasil e suas problemáticas foram abordadas. No quarto, Fortaleza é abordada sobre esta problemática e seu crescimento é utilizado para entender como hoje ela se encontra. No quinto, conceitos como “lugar” e “espaço” são desenvolvidos e explicam a importância do lar. Segue desenvolvendo as referências regionais que nortearão o projeto com as suas origens e suas influências. No capítulo seis, encontra-se o memorial descritivo com a caracterização das influências bibliográficas, do cliente, do apartamento e descrição do projeto. No capítulo sete, estão as considerações finais.

## 1.1. Objetivos

### 1.1.1 Geral

Verificar e identificar princípios e origens do espaço e da tipologia habitação unifamiliar. Valores, história e desenvolvimento cultural destas transformações foram analisados para o projeto de residências no Ceará, mas anexando informações para se adequar ao perfil do cliente.

### 1.1.2 Específicos

- Mostrar a importância do programa arquitetônico para os arquitetos e como ele está sendo pensado hoje. Um breve resumo de sua história e seu desenvolvimento foi feito para mostrar que junto com conceitos como família, conforto e privacidade mudaram a forma de habitar e pensar o lar.
- A questão da moradia no Brasil e suas problemáticas sociais.
- A questão da problemática em Fortaleza com um breve resumo do desenvolvimento da cidade.
- Conceitos como espaço, lugar e memória são desenvolvidos para explicar o lar.
- Um breve estudo sobre as referências da cultura regional e suas origens e como elas estão presentes hoje.

## 1.2 Os motivos da escolha do tema

É importante documentar os motivos que me levaram a escrever este trabalho. Desde o início do curso me interessou o espaço como luz, as proporções, as cores, ou seja, como seus elementos mudavam tanto a percepção das pessoas. Desejava me tornar uma profissional capaz de levar os sentimentos para o espaço. Iniciei o estudo da fenomenologia, mas não foi continuado por não me atrair pela sua linha filosófica do tema. O estudo de estrutura veio depois com a busca por uma arquitetura com raízes no modernismo. Sua arquitetura limpa que unia funcionalidade a beleza me encantava, o modo como a estrutura era pensada para ter mais de uma função, o espaço deixava de ser produto de seu involucro somente. Arquitetos como Tadao Ando me instigaram a pensar como seria capaz de colocar tantas variáveis subjetivas como emoções e percepção em um espaço. Elementos como percurso e luz me mostraram que é impossível fazer arquitetura pensando unicamente na fachada, pois é o espaço gerado que as pessoas passam

e utilizam. Sua arquitetura me levava a pensar e a me questionar como adquiriria este conhecimento para atuar desta maneira no futuro.

O tema da moradia veio aos poucos. Questões como a descrença que um apartamento pode ser ventilado unicamente com ventilação natural me inquietava, esta descrença na boa arquitetura. A situação das construções visando o dinheiro e não o bem estar da população me lembra uma situação engraçada: Um conhecido passou 15 anos procurando um bom apartamento em Fortaleza que fosse tão bom ou melhor que o dele, mas somente quando um do mesmo edifício foi posto à venda, ele o comprou e saiu o aluguel. A compra foi efetuada e se mudaram para um andar superior. Os motivos para a demora na compra em outros locais foram: o pé direito baixo, área do apartamento não agradava, ventilação e localização. Os maiores se localizavam longe do centro e os centrais não agradavam sua espacialidade (ventilação e pé direito). Ele é dono hoje de um imóvel com pé direito 2,80 m, pois foi um dos primeiros no bairro Aldeota. Neste caso, o morador possuía muita variedade de escolha, uma vez que pertence uma classe de renda mais elevada. Sua formação em engenharia também o ajudou a avaliar questões além da estética.

A preferência pela cultura e arquitetura japonesa existiu durante todo o curso. Quando fui conversar com meu orientador Professor Marcondes, e fui indagada sobre minhas preferências, o tema surgiu de imediato e era natural que acontecesse. Não há programa no qual o lugar seja tão importante. Pelo menos, são passadas em casa sete horas por dia no lar e se este espaço não for adequado a você, pode gerar muitos problemas no âmbito social, emocional e econômico. Entender como o espaço é percebido foi o primeiro passo e a importância da memória pessoal foi se mostrando cada vez maior. Fatores como a cultura geral e a pessoal se mostraram fundamentais para especializar o projeto. Entender como o programa lar se formou foi essencial, pois a organização espacial existente hoje no mundo de modo geral representa uma longa evolução. Cada civilização e região tem sua especificidade, mas questões como familiaridade, privacidade e conforto são conceitos universais.

A oportunidade de reformar um apartamento surgiu no mesmo período e esta foi aproveitada para se pode trabalhar com um cliente real e para mostrar que é possível gerar lugares.

A questão regionalista, a arquitetura da terra, estava intrínseca em todo este pensamento, pois outros fatores físicos são importantes quando se pensa em construir tais como ventilação e insolação. Além destes fatores citados acima, a arquitetura regional representa a memória de um povo. Aquilo que foi considerado mais adequado em termos construtivos permanece nas moradias até hoje. No interior se pode ver soluções geniais utilizando materiais simples como a palha, a madeira e a carnaúba entre outros. Uma boa arquitetura respeita seu clima e sua cultura sabendo aproveitar o melhor do passado e presente.

A influência oriental permaneceu no trabalho também por desejo explícito do cliente. Dela foram extraídas questões ligadas à percepção do espaço e não uma cópia de sua arquitetura tradicional.

## 2.0.A Problemática do Habitar

Quando se pensa em arquitetura em viagens, por exemplo, vem à memória as grandes obras e monumentos como teatros, museus, igrejas e residências, porém, estas não são logo lembradas. Elas estão por todos os lados, mas se tornam tão comuns aos olhos que esquecemos de sua riqueza cultural e sua importância para as pessoas.

Quando se entende como e onde as pessoas moram, pode-se perceber a cultura arquitetônica de um povo. Construir, planejar e pensar uma moradia não é algo simples, pois não se pode esquecer das pessoas. Pensa-se superficialmente no morador padrão e na família padrão. Nem todos vão para ao trabalho a mesma hora, nem todos utilizam a cozinha para almoçar e nem todos querem o mesmo tipo de quarto por exemplo.

A tipologia arquitetônica residência é uma das mais fundamentais para a humanidade e pensar como ela está sendo planejada e executada é questionar como as pessoas vivem. Melhorar cada vez mais esta construção é o dever de todo arquiteto e construtor. Vamos neste capítulo, entender como ela se originou e entender a questão social deste tema.

### 2.1. Importância da tipologia arquitetônica.

Ter um abrigo, proteção contra intempéries é uma das primárias necessidades do ser humano ao lado de alimentação, pois ficamos protegidos do rigor e das mudanças climáticas como também das incertezas do terreno. Hoje em dia, não moramos mais em florestas ou descampados, porém temos a selva urbana cruel para com aqueles sem rumo e sem lar. O frio, a insegurança e o medo constata permeiam os sem teto. Não se pode ir atrás de emprego, receber correspondências sem um endereço fixo. A palavra sem teto pode ser mais ampla que os moradores de rua por exemplo. Os artistas, aeromoças e empresários que passam tanto tempo viajando que não ficam muitos dias no mesmo lugar, eles também podem ser chamados os sem casa, pois mesmo tendo três apartamentos em nenhum deles podem ou não sentir o conforto que voltar pra casa dá. Não é o mesmo que chegar em um loft impessoal. (Ver figura 01 e 02)



FIGURA 01 E 02 apresentam a diferença entre uma casa e um loft sem impessoal.

Quando se fala de lar, pensa-se um lugar seu, sua identidade com suas coisas. Representa um local em que alguém se sente seguro. Por este pensamento, a tipologia lar se torna a mais importante para os arquitetos, pois passa-se pelo menos 8 horas em casa por dia. Tirando o trabalho, é o segundo maior tempo passado em um espaço. Precisa-se assegurar, então que este lugar atenda às suas necessidades.

Estava conversando com amigas e uma delas me falou: quem casa quer casa. Mesmo estando na casa de sua mãe por alguns dias, ainda desejava estar na sua própria casa. O que é a casa e o que ela representa para as pessoas e a sociedade? Como a moradia está sendo pensada e executada? Elas, hoje, representam os desejos de seus moradores? A quantidade e qualidade de construções atendem a necessidade de moradia?

Este trabalho, fim de graduação, reflete sobre esta questão. Uma tipologia arquitetônica aparentemente mais simples que um museu por exemplo, porém quando pensamos neste tema vimos que lidamos com o ser humano. A casa só tem sentido se houver um morador, porém sem ele é um espaço vazio. As paredes não fazem daquele espaço uma habitação, ela não tem sentido se não oferece abrigo a quem ela foi destinada: o homem. Se ela não preenche os pré-requisitos dos seus habitantes, pode ela ser chamada de casa?

## 2.2. Conforto.

A ideia de casa como um local confortável, seguro para a família moradora foi justificada neste trabalho. A pergunta que coloco: o que seria uma casa confortável? Para um cearense do interior, é provavelmente uma rede e uma varanda. Para outros, um sofá macio depois do trabalho é ter seu sonho de sala realizado. Dependendo de sua cultura, infância e criação, o espaço confortável pode tomar múltiplas formas. O conceito de conforto segundo o dicionário Aurelio(2015): *atmosfera agradável que rodeia o ser humano, que pode ser ambiente material como também ambiente emocional*. Esta ideia precisou ser gerada por 300 anos. Ele foi gerado junto com a de família e privacidade. Na idade média, a ideia de morar era distinta, o uso do mobiliário não era definido pela sua forma, pois eles tinham várias funções.

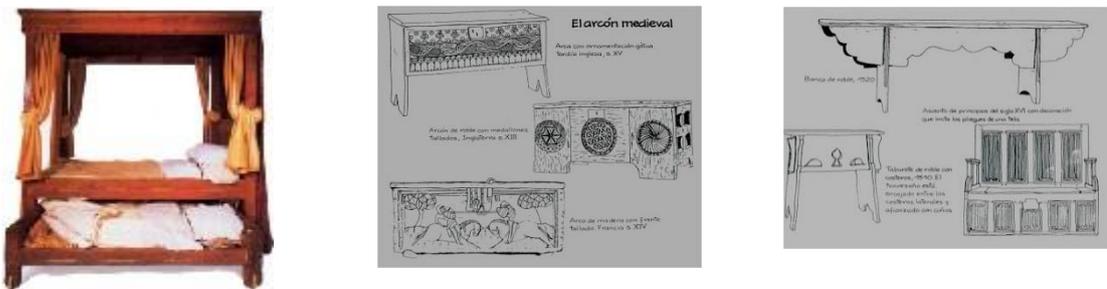


FIGURA 03, 04 e 05- Um exemplo de mobiliário medieval com mesa que fechava e ia para a parede e com os baús que serviam para se sentar e guardar objetos sendo de fácil transporte em carroças.

Uma mesa virava uma cama de noite por exemplo. Isso acontecia porque festa, cores, eventos, nomes, entre outros tinham significado, porém utensílios domésticos não tinham. (Ver figura 03,04,05)

O próprio conceito de eu, de família não era forte. Como não havia infância, ou seja, elas já eram mini adultos e eram tratadas como tal sendo mandadas aos sete anos para aprender um ofício com os mestres em troca de abrigo e comida. O casal não tinha intimidade, pois em uma residência com empregados, servos aprendizes, amigos, protegidos e proprietários somavam vinte cinco pessoas que se dividiam em 2 quartos com muitas camas e muitas pessoas em cada cama. Os banhos

também eram uma cerimônia e muitas vezes eram feitos em grupo. Os espaços eram grandes e multiuso. Por exemplo, de noite área para dormir e pela manhã área para o café da manhã e almoço. O conceito de conforto e intimidade não existiam. Eles não desejavam uma cadeira confortável ou um quarto só para o casal.

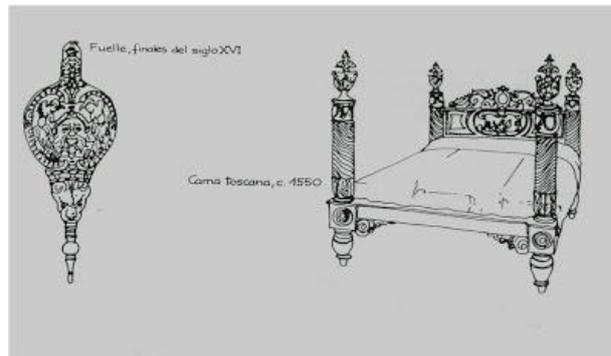


FIGURA 06- Cama com seu aquecedor a que era colocado antes de dormir pelos servos para aquecê-la.

É importante frisar que as condições das moradias e os hábitos eram distintos. A casa era fria a noite, pois era aquecida com uma chaminé pouco eficiente que deixava o cômodo cheio de fumaça. Durante a noite, havia pouca iluminação então todos dormiam logo após o anoitecer e as velas e lamparinas eram caras. As casas eram, então, utilizadas durante o dia. Um exemplo de ‘uma moradia grande’ burguesa do século 15,16 e 17. Rybczynski.W(1986). (Ver figura006)



FIGURA 07- Uma moradia medieval para exemplificar uma moradia.

*“Esta casa pertenceu aos The Brun que compraram a residência e trabalhava em casa e continha a casa e a loja. Nesta tinha a encadernação, o estabulo, o celeiro, o palheiro e depósitos. A primeira era uma habitação para recém casados que foi adicionado um segundo andar, mas possuía um quarto grande, uma cozinha e um quarto pequeno na estrutura original. Com a reforma, foram adicionados dois quartos ao lado da sala. A estrutura ainda era pequena para comportar os oito filhos e ao total 25 pessoas. Ali se passavam todos os aspectos da vida; negocio, trabalho e lazer. Os 4 filhos menores e os pais dormiam no quarto de baixo juntos em uma cama grande; as três filhas, em um quarto separado atrás da cozinha; as três empregadas no quarto menor abaixo da escada; os empregados, em uma cama no andar de cima; e o aprendiz na loja, pois precisava levantar cedo.*

*O mobiliário se caracterizava por uma mesa com 4 cadeira que era o centro da sala e o resto do mobiliário (8 cadeiras uma cama grande e dois baús eram colocadas em torno das paredes. O salão estava quase vazio a maior parte do tempo e nos outros cômodos continham as roupas, camas e outras coisas. Não havia banheiro, pois o banho era semanal na cozinha. ” (Rybczynski, 1986, p 44)).*



*FIGURA 08-Uma imagem de Toledo Espanha mostrando o aumento no número de andares.*

As condutas e atitudes começaram a mudar. A classe burguesa começou a ganhar mais destaque e Paris era a cidade que se mostrava mais avançada nesta área durante o século 17. A planta da residência burguesa seguia o modelo medieval, mas consistia de 4 ou 5 andares em vez de dois, pois os terrenos na cidade estavam ficando cada vez mais caros. Os andares inferiores eram utilizados para atividades como comercial e estábulo. O cômodo principal era a sala que era utilizada para o jantar, entretenimento e para receber visitas. O preparo da comida era agora realizado em um cômodo separado, pois os odores da cozinha começaram a ser considerados desagradáveis e estava quando possível, longe da sala e perto do pátio. Um novo cômodo começou a ser utilizado para a função de dormir, *chambre*, mesmo com a sala ainda servindo para este propósito. Uma antessala foi adicionada ao quarto de dormir, *garde-robe*. Ele continha a lareira geralmente e era grandes o suficiente para se dormir. (Ver imagem 008)

A típica casa parisiense continha mais de uma família com o perfil de apartamentos. Os quartos eram grandes e continham o chambers (garde-robe e o gabinete) e muitas vezes residiam um núcleo familiar pais e filhos se os quartos fossem alugados. A lareira era grande o suficiente para se conseguir cozinhar mesmo sem a presença da sala e da cozinha. O desejo de privacidade era claro, pois havia a separação entre mestres e empregados que junto com as crianças maiores dormiam em um quarto menor adjacente. Muitos aprendizes e empregados ainda dormiam em seus trabalhos, porém surgia uma porcentagem da população que separava as duas coisas. Mesmo externamente parecendo a mesma residência e modo de vida, a casa estava se tornando um local privado para a família.

A fascinação pelo mobiliário começou no século 17 o que impediu o verdadeiro sentimento de intimidade, pois a burguesia preencheu sua casa medieval com muito mobiliário (cadeiras, cômodas) da moda e percebeu que tinha pouco espaço.

A nobreza e a alta burguesia viviam em palácios ou mansões. O sentimento de privacidade com a rua era evidente, pois a casa grande estava escondida atrás das dos plebeus e o jardim não era visível da área externa, a rua. O interior por outro lado foi construído para ser exibido, pois não havia corredor e não importa se fosse um empregado ou hospede era necessário atravessar todos os quartos para se chegar no último.



*FIGURA 09-Uma imagem do Palácio Schönbrunn na Áustria em meados de 1640.*

Não havia banheiros pois, os sanitários chegavam até eles e a ideia do banho frequente não era importante para eles. Um fato que vale lembrar é: nenhum espaço tinha uso definido. Podia-se desmontar a mesa de jantar e comer no quarto por exemplo.

O mobiliário também era abundante e elegante, porém faltava um senso de intimidade.

Analisando a moradia dos Brun, vemos que ela não era mais medieval, mesmo que as atividades ainda fossem executadas em dois cômodos. Havia mais mobiliário na sala, mas não tantos como na casa parisiense. Os fogões passaram a ser utilizados e não faziam tanta fumaça na casa o que permitiu a presença de mais cômodos, pois podiam ser colocados nos quartos de dormir no inverno. Alguns espaços passaram a ter atividades fixas como a cozinha e o quarto de dormir. No comportamento, houve progressos, pois os pais só dormiam com os menores, pois aos 7 anos já saiam de casa e os maiores dormiam em um quarto separado. No futuro, a separação com os empregados que era só formal se tornou real na arquitetura quando se mudaram para o porão ou sótão.

### **2.2.1. O desenvolvimento da ideia de conforto na Holanda**

A Holanda se destacava no campo político com a aplicação da república depois de 30 anos de revoltas contra a Espanha. Na economia surpreendia a todos por se tornar a maior produtora marítima de barcos de comércio e pesca, se tornando o centro financeiro internacional já trabalhando com ideia de ações e capitalismo. O sistema social estava distinto da Europa, pois o restante de nobreza depois da guerra encontrava-se em grave situação financeira e os agricultores eram donos de suas terras ao contrário da Inglaterra. Outra diferença é que havia mais cidades médias que grandes na Holanda, se comparado com França por exemplo. Estes avanços mostraram outro lado da moeda, pois também havia nas cidades muitos mendigos, ladroes, funcionários de fabricas, fazendeiros que não compartilhavam a prosperidade do país. A classe média tinha dinheiro suficiente para ser financiador internacional como também manter uma loja. A Holanda foi o primeiro estado burguês governado por comerciantes.

Outro ponto que não foi falado é a religião. Eles tinham o calvinismo como religião oficial e mesmo sendo somente um terço da população, contribuiu muito para a sobriedade e restrição do povo holandês. É preciso entender as pessoas nesta nova cultura. Eles prezavam as virtudes da burguesia tradicional. Sua calma, sua moderação, sua admiração pelo trabalho duro e sua retenção de gastos são características deste povo, por outro lado vem de um ambiente que necessita muitos investimentos em obras públicas como canais, esgotos, moinhos de vento o que pede uma união nacional.



*FIGURA010-Uma imagem da Capital Holandesa, Amsterdam.*

As casas precisaram ser leves, pois era necessário fazer fundações caras. Para diminuir o espaço das ruas, as habitações eram coladas umas nas outras. Suas moradias medievais se caracterizavam por dois quartos. O da frente que estava voltado para a rua era onde as atividades comerciais aconteciam. O dos fundos era onde os donos da casa cozinhavam, comiam e dormiam. Quando a família prosperava financeiramente, construía-se 2 ou 3 andares acima. É importante saber que inicialmente construía-se um mezanino com acesso por uma escada. Com o crescimento o padrão continuou e frequentemente dois quartos não tinham o mesmo nível e eram conectados por escadas menores. Estes cômodos não possuíam uso diferenciado com exceção da cozinha, mas com o tempo passaram a ser divididos por uso diurno e noturno como áreas formais e informais. O cômodo da frente do segundo andar se tornou salão e os demais quartos de dormir.

Os holandeses eram homens do mar e havia esta influência em seus interiores compactos e suas madeiras pintadas. A atmosfera pode ser descrita como confortável, uma palavra de origem holandesa. O seu modo de construção deve ser citado, pois permitia que as paredes não tivessem funções estruturais e

pudessem ser substituídos por vidro. Ele tinha a dupla função de diminuir o peso da residência e aumentar o tempo de luz do sol. A casa era pequena também por ser pensada para 5 ou seis pessoas, pois os empregados se responsabilizavam por sua moradia. Os argumentos anteriores demonstram a importância da família para os holandeses. Não havia babá e suas crianças tinham a educação mais longa da Europa ficando sob a tutela familiar até o casamento em sua maioria. É importante falar que para eles havia 3 coisas importantes: primeiro as crianças, segundo a casa e depois o jardim. Este tinha um caráter privativo diferente da Europa que era público. Essas inovações repercutiram na cultura e no modo de viver das pessoas.

Um fato curioso é o modo de impressionar os vizinhos não com luxo, mas com limpeza. As ruas e as casas eram limpas frequentemente, em algumas áreas das moradias não se permitia entrar calçado, porém eles eram considerados um povo sujo para os padrões europeus, pois usavam muita roupa para combater o frio e o banho evitado. Essa obsessão por limpeza veio entre outras coisas do desejo de separar a casa pública, da privada.

O resultado de todas as transformações anteriores é a feminilização da casa pelas mulheres. Rybczynski, W. (1986, p. 59) fala que *“a feminilização da casa no século 17 na Holanda é um dos eventos mais importantes na evolução do interior doméstico. Isso teve diversas causas e a mais importante delas foi o uso limitado de empregados.”*

A família mais rica tinha até três empregados, porém o mais comum era somente um. Uma curiosidade é que havia leis explicitando os direitos e deveres de empregados e empregadores, ou seja, eles eram menos explorados. Isso produziu uma situação que toda mulher holandesa independente do seu status social fazia os trabalhos doméstico que era dividido com o empregado. Isso resultou em uma mudança radical na casa comparando-se com as europeias, pois com a mulher sendo dona de sua casa e tendo plena autoridade sobre ela, a cozinha se tornou o espaço mais importante da casa.

A cozinha foi promovida a fantástica dignidade e se tornou alguma coisa entre um templo e um museu.

### 2.2.2. Conforto no Mobiliário

A ideia de privacidade começou a se espalhar pela França, Inglaterra e Alemanha. A casa deixava de ser um local de trabalho e virava mais pública, havia uma atmosfera de intimidade. A casa estava se tornando um lar o que levou a descoberta do conforto.



FIGURA 11 e 12- Representam a cadeira Luiz 14 e Luiz 15 respectivamente mostrando a preocupação com o conforto do mobiliário no governo de Luiz 15.

No mobiliário este movimento começou na corte de Luiz 15, considerado pelos historiadores como hedonista. No seu reinado o mobiliário que era mais decorativo e peça de arte ganhou um caráter mais prático e se tornou a primeira vez a se pensar em móveis confortáveis. A corte se tornou menos formal seguindo-se das moradias, pois a França tinha grande influência na Europa no começo do sec. 18.

A privacidade estava cada vez mais presente e se mostrava na existência de pequenos cômodos aos quartos de dormir de uso privado que se tornaram menores e mais íntimos adquirindo funções diferenciadas.

*Pessoas não comiam mais nas antessalas, mas em uma sala de jantar adequada e mobiliada. Eles não entretinham seus convidados em seus quartos de dormir e sim na sala. (Rybczynski, 1986, p. 86, tradução nossa).*

Corredores foram adicionados para corresponder a essa nova necessidade. O contato com os servos começou a se tornar incomodo e procurou ser evitado nas áreas íntimas. Essas mudanças foram intensificadas com a atitude do Rei Luiz 15 e Madame Ponpidou de manter a questão da decoração sempre em ordem no palácio. Reformas constantes procurando mudança e revolucionando a moda e decoração na corte o que gerou o estilo Rococó que se dedicava exclusivamente a decoração do interior. Antes não se pensava o exterior e interior separadamente.

A mudança refletiu na burguesia que subdividiu mais seus cômodos: antes tinham 3 ou 4, agora 5 ou 6 cômodos em sua casa. Criou-se um hall logo que se subia a escada, a diferenciação da sala de jantar e salão.



FIGURA13-Um cômodo no palácio de Versalhes. A lareira se tornou um elemento escultórico.

Em 1720, houve uma revolução no aquecimento que eliminou a fumaça e melhorou a combustão. Depois de 1750, eles passaram a ser considerados uma peça de decoração e utilizados em outros cômodos importantes que não fossem as antecâmaras e a sala de jantar.

Essa ideia de conforto iniciada na França se desenvolveu na Inglaterra. O estilo Georgiano (ver imagem 014), se desenvolveu e teve mais impacto nas casas de campo, pois elas que representavam seu lar. As da cidade eram para uso eventual segundo os nobres ingleses.



FIGURA 14-Casa Americana em estilo Georgiano.

Seu lazer era sedentário e envolvia jogar cartas, tomar chá e ir a saraus. A casa, então, se tornou um local de encontro, porém não menos privada, pelo contrário, era considerado falta de educação chegar na casa de alguém sem ser convidado.

O andar térreo passou a ser utilizado para atividades de uso comum. Elas não tinham um uso específico e a mais comum delas é a sala de desenho. Tinha-se geralmente duas, uma mais formal e outra informal e continham instrumentos musicais e podiam ser utilizadas para eventos.

*A arrumação na área pública na casa Georgiana representa um estágio intermediário na evolução do planejamento da habitação. A moderna combinação simplificada da sala de jantar ou cômoda sala de jantar familiar ainda virá. No seu lugar, abandonando o hall medieval, o século 18 criou uma variedade de cômodos comuns. Não existia regra fixa sobre exatamente quantos e quais tipos eram necessários; isso dependia da imaginação do arquiteto e a da condição financeira da família. (Rybczynski, 1986, p. 109, tradução nossa).*

A sala de jantar, no entanto, somente utilizada durante a tarde sendo as outras refeições realizadas em outros cômodos. Uma casa de bom tamanho apresentava uma biblioteca, uma sala de estudos, galeria, sala de bilhar e um conservatório. Os nomes, no entanto, não refletiam necessariamente seu uso. Por exemplo, a biblioteca poderia ser o cômodo principal da casa.

Descer as escadas não significava simplesmente mudar de andar, mas sim se juntar ou deixar a convivência dos outros, pois o andar térreo era público e o superior privado. Cada um tinha seu quarto (adultos, mulheres crianças), mas não tinha uma função definida, ou seja, poderiam fazer a mesma atividade em qualquer cômodo. Cento e quarenta anos depois, a pintura retrataria a mudança do quarto, um local repleto de suas coisas, ou seja, seu espaço.

*O desejo por um quarto próprio não era simplesmente uma questão pessoal de privacidade. Isso demonstrou o crescente desenvolvimento da individualidade- do crescimento pessoal- e da necessidade de expressar esta individualidade por meios físicos. (Rybczynski, 1986, p. 110, tradução nossa).*

É importante frisar agora a influência holandesa nas casas inglesas como a técnica de construir do tijolo de barro; a existência de duas salas de desenho o que não havia na França; o hábito de beber chá; a praticidade, escala pequena e intimidade da casa holandesa, ou seja, em muitos aspectos ela parecia uma versão rural da casa holandesa.

A Inglaterra resgatou, então, o estilo paladiano. As vilas que eram sua especialidade, eram fáceis de se adaptar para uma casa de campo e seu arranjo era

mais casual sendo mais estrutural que decorativo. A estrutura externa ajudava a definir o interior.

No fim do século 18, os modos se tornaram menos formais e a vida se tornou mais fácil e relaxada na casa georgiana. O motivo da mudança foi a aproximação com a natureza do movimento romântico. O rigor geométrico do estilo paladiano que nem sempre atendia às necessidades do dia a dia começou a ser quebrado. Combinações de dimensões diversas foram feitas e as janelas eram pensadas para sua função interna, não mais a externa de fachada. Houve um planejamento livre e surgiu novos tipos de quarto. Como resultado o quarto, começou a ser pensado como um local da atividade humana, não mais somente um belo espaço.

No cenário mundial, as guerras napoleônicas acabaram e a Inglaterra saiu como grande vencedora tendo grande influência sobre o mundo como também sobre a América.

*Conforto é uma palavra de origem francesa (confort), mas adquiriu seu moderno e doméstico significado na Inglaterra. De lá até o fim do século 18, foi importado de volta pra França.*

No século 18, houve uma grande evolução, pois os mobiliários podiam ser produzidos em larga escala sendo confortáveis e elegantes. O grande passo foi a viabilidade de chegar ao cliente e o mercado criado com muitas empresas que não só produziam, mas tinham sua marca e contato com o público alvo que era uma família bem estabelecida e não um palácio. Os mobiliários tinham uso específico para o cômodo.

Um ponto que é importante citar é que até 1850 conforto era visto como algo cultural (notadamente inglês) e somente em segundo plano como físico. No campo da residência, o arquiteto era visto como um artista e cuidava somente da fachada sendo o interior trabalho do estofador que vendo esta oportunidade no mercado, ocupou este campo se tornando hoje o que chamamos de arquiteto de interiores.

Neste período, o tema ventilação se tornou muito importante na Inglaterra e junto com este estudo científico, os habitantes se tornaram mais críticos ao cheiro da cozinha e dos cigarros. O hábito de fumar não era reprovado, porém seu odor dentro da residência era considerado no mínimo deselegante. O estudo de quanto volume cúbico necessário de ventilação na residência levantou a questão do

conforto na sua questão objetiva como ventilação, umidade relativa do ar, etc. Este estudo se mostrou errado em termos de número, mas levou uma melhor ventilação às residências e mudanças na construção para melhorar esta característica.

No século 19, alguns arquitetos já se importavam com as questões técnicas e novas tecnologias que haviam surgido com o gás, energia elétrica que estraram na residência e foram adaptados a decoração existente. O interior ainda se subjugava ao formato exterior e os desejos dos proprietários eram ainda colocados em segundo plano na virada para o século 19 dando maior foco na concepção estética do projeto.

Neste período, o modernismo começou difundido e pregava o esquecimento do passado e a busca por uma nova arquitetura coerente com o desenvolvimento tecnológico do último século. A temática mecânica e eficiência estavam presentes como a crença que os arquitetos poderiam mudar a sociedade. Estas eram algumas das bandeiras do movimento que mudou radicalmente o modo de ver e construir arquitetura e espaço. As necessidades do homem foram universalizadas desde uma residência padrão à altura da bancada.

O problema é que ao descartar as ideias do passado e falar como o morador deve viver e utilizar o espaço, tiramos a ligação histórica do morador com o lar (o que gera conforto e intimidade) e tornamos a casa um espaço genérico sem nenhuma ligação emocional com seu dono, ou seja a ideia de aconchego é eliminada. O branco e vazio se tornaram símbolos das residências e os moradores nem podiam opinar na decoração, tudo era pensado para manter a estética do projeto até o tipo de jarro de flores a ser utilizado.

Parâmetros para se projetar foram definidos o que ajudou muitos arquitetos, porém não se pode pensar que todos os clientes têm as mesmas necessidades. Começar com estes estudos e se questionar se modifica-los para aumentar o conforto do cliente é também importante.

#### 2.4. Arquitetura moderna e o lar.

O pós-modernismo surgiu no sec. 20 para contrapor a frieza dos arquitetos modernos em relação aos clientes e se tornou um movimento opostos sem lideres ou ideologias. Nele o cliente e seu espaço são muito importantes sendo função dos arquitetos tornar o sonho dos moradores realidade. O passado não era mais

repudiado tendo algumas linhas como o pós-modernismo historicista, o high-tech, deconstructivismo, etc.

Um ponto que não foi pensado é que o público mudou muito depois de duas guerras mundiais, da globalização e o capitalismo. Hoje tudo é muito rápido: torna-se atrasado para o mercado com 2 anos fora dele, a moda, ideias, tendências, etc. A tecnologia se desenvolve cada vez mais rápido e o consumismo é o que mantém o capitalismo em sua essência. Se consome mais, se produz mais, se ganha mais. A busca pelo maior lucro.

Este pensamento se reflete na arquitetura, com a globalização muitas ideias se tornaram comuns em diversas culturas. Há shopping center em todo país globalizado. Outras ideias de como se vestir ou como pensar se espalharam e neste caminho se busca ser individual consumindo os mesmos tipos de produto. O novo, o exclusivo foi a solução para este problema.

A questão que coloco é como a arquitetura de interiores se coloca neste mercado. O cliente tem em mente espaços genéricos que são mostrados nas revistas como ideias e sonhos de consumo como também lembrança e conceitos do que seria o seu espaço ideal. Cabe ao arquiteto dar o que é necessário e não o que é necessariamente da moda. Exemplo, não colocar uma máquina de lavar pratos se não for necessário, mesmo que seja moda.

Não se deve cair na armadilha da uniformização da moda. As casas não devem copiar as da revista por ser moda. O lar deve refletir história do morador e acima de tudo seu abrigo.

*“Na pós-modernidade, que tem o pluralismo como sua marca registrada, os arquitetos continuaram a esquecer de que seus projetos deveriam promover um ambiente mais humano, capaz de melhorar a vida do homem. (Tese de graduação.)*

*Não são referências históricas diluídas o que faltam à casa das pessoas. O que se precisa é de uma sensação de domesticidade, e não de mais dados; uma sensação de privacidade, e não de janelas neopaladianas; um ambiente aconchegante, e não capitéis de gesso. O pós-modernismo se interessa mais pela história (na maior parte das vezes, obscura) da arquitetura do que pela evolução das noções culturais que a história representa.*

*Um fato que não pode ser esquecido é todo espaço construído contém cultura. Toda a história de um pode ser explicada por ela. O presente reflete o passado, pois o melhor de cada tempo permanece seja na música seja na arquitetura. Pegar o melhor da infância, juventude e idade adulta e juntar como memória afetiva que deve estar ligada a moradia*

*é um dos atos que não pode ser esquecido. Um exemplo, os bibelôs devem remeter a vida dos moradores e não necessariamente ao gosto do arquiteto ou também respeitar hábitos antigos. Estes pequenos detalhes são o que fazem o projeto rico e não a cadeira da moda. (RYBCZYNSKI, 1986, p.226).*

## 2.4. Conclusão

Este capítulo tratou da história da residência e como ela evoluiu. Conceitos como conforto, família, domesticidade e aconchego foram descobertos e desenvolvidos com os séculos e não pode ser entendida sem suas referências históricas. Muitos países participaram deste desenvolvimento e hoje ele é visto como elemento fundamental em todo lar. Alguns cuidados devem ser tomados quando falamos do conceito de conforto.

Não se deve confundi-lo com decoração, ou seja, copiar o passado não traz conforto para o espaço. Cada povo teve sua cultura e seus costumes que se refletiram no seu modo de habitar. Não se vive mais em uma casa medieval, mas é interessante aprender como os cômodos e mobiliários tinham múltiplo uso. Cada época tem algo para ensinar e deve ser estudado, não copiado, pois decoração é um ato de moda que é medido em décadas, já conforto é mensurado em séculos e reflete o modo de pensar e viver de um povo.

O que é conforto? Para a psicose humana é o fato de sentir-se bem, mas é mais fácil medir o desconforto. Para os cientistas é um fenômeno físico, porém percebe-se imediatamente quando um ambiente lhe faz sentir-se bem. Billy Baldwin e Christopher Alexander, ambos arquitetos descreveram um ambiente confortável e alguns elementos citados abaixo ajudam a classificar algumas características.

*Eles incluíram a conveniência (a mesa próxima a mão), eficiência (a modularidade da iluminação), domesticidade (a xícara de chá), conforto físico (cadeiras confortáveis) e privacidade (ler um livro, ter uma conversa). Todas estas características juntas contribuem para a calma atmosfera do interior que é a parte do conforto. (RYBCZYNSKI, 1986, p.230).*

Repensar a tradição burguesa de conforto é uma crítica implícita ao movimento moderno, porém ela não é contra a mudança e sim contra a desumanização da casa. A burguesia evoluiu este conceito com os anos. É preciso que este movimento continue, mas sem perder o que foi aprendido no passado

### 03.A questão da Moradia no Brasil.

A carência de moradia adequada é um problema mundial grave, pois outras necessidades como saneamento básico, serviços urbanos, educação e saúde são um dos seus pré-requisitos. O crescimento da cidade nem sempre acompanha a expansão de infraestrutura, gerando grande sofrimento para a população como um todo. A falta de infraestrutura urbana interfere no funcionamento do modo de viver a cidade, então, melhorar a habitação das pessoas representa uma melhora no sistema de saúde, pois mais pessoas ficam doentes pela falta de saneamento básico por exemplo. Na economia, executam-se obras públicas e constroem-se habitações gerando emprego e renda. É uma questão complexa que move muitos fatores.

#### 3.1.Aspectos Conceituais

Moradia é uma necessidade básica como alimentação e vestimenta, mas para ela ser atendida é necessário trabalhar com o fator terra. No Brasil, esta questão vem sendo tratada como propriedade privada, ou seja, a terra é vista como mercadoria. Quanto maior a renda, maior a capacidade de compra e maior o seu status social. O problema é que ela representa uma necessidade básica e se olharmos em termos de estimativa percebe-se que a concentração de renda é muito grande no Brasil e junto com ela a concentração da posse da terra e da moradia. Por ser um direito, o Estado deveria ser obrigado a prover a todos os cidadãos seja por meio de programas sociais ou empréstimos uma moradia adequada.

Em 1948, foi feita a primeira declaração internacional chamada Declaração universal dos direitos humanos que proclamava: todos têm o direito a um padrão de vida adequado à saúde e bem-estar de sua família, incluindo alimentação, vestimenta, moradia, cuidados médicos e os serviços sociais necessários, bem como o direito à segurança em caso de desemprego, enfermidade, invalidez, viuvez, velhice ou outras circunstâncias além de seu controle.

Em 1976 ocorreu a primeira Conferência das Nações Unidas sobre Assentamentos Humanos (HABITAT I), que afirmava o direito à moradia e apontava os governos como responsáveis.

*Na 2ª Conferência das Nações Unidas sobre Assentamentos Humanos (HABITAT II). Embora sem a força de um tratado internacional, a Agenda Habitat deve servir como referência para a formulação das ações governamentais e não governamentais no enfrentamento da questão dos assentamentos humanos, e a sua implementação pode ser exigida como requisito para a obtenção de recursos internacionais. (Lorenzetti, 2001, p. 05)*

Algumas dificuldades surgiram quando foram pensar nas medidas práticas. A definição do conceito de moradia adequada é complexa, pois envolve questões subjetivas como diferenças culturais, diversidade de necessidades, preferências, climas e economias distintas.

### 3.2 O DÉFICIT DE MORADIAS



Figura 15- Ume exemplo de formação de favelas decorrentes do problema habitacional no Brasil.

A carência de moradia é um grave problema nacional que afeta a população nos níveis do o governo federal, estadual e municipal. Os mais carentes são os mais prejudicados, seja nas metrópoles, seja nos centros de pequeno e médio porte. Uma parcela da população por não conseguir habitação em terrenos legalizados por falta de renda, se instalam em áreas urbanas desfavorecidas-favelas, morros,

etc. Esta imagem é comum nas cidades brasileiras e vem se intensificando com as crises econômicas e o êxodo rural do século 20 e 21.

Estas ocupações surgiram como favela com a derrubada dos cortiços no Rio de Janeiro e a população de negros e imigrantes precisou ocupar os morros. Hoje o motivo é parecido, o êxodo rural foi muito grande nas capitais gerando um excedente de população fazendo com que muitos por falta de renda e capacitação ocupassem as zonas periféricas e centrais sem infraestrutura urbana. Houve a ocupação desordenada do solo e a expansão contínua das periferias. A diferença entre a demanda populacional e a geração de moradia e emprego como a oferta de infraestrutura, serviços e equipamentos urbanos foi muito grande, o que inchou ainda mais as grandes cidades.

*O índice de urbanização aumentou de 31% em 1940 para 75% em 1990, atingindo 81% em 2013, crescimento este marcado pela grande concentração populacional nas áreas metropolitanas. Os números são eloquentes: dos 5,5 mil municípios brasileiros, 75% têm menos de 20 mil habitantes, enquanto 49 aglomerações urbanas, das quais 12 regiões metropolitanas, abrigam 47% do total da população, ... (Lorenzetti, 2001, p. 06)*

Um cuidado deve ser tomado quando se olha os dados do IBGE, pois falta de casa própria e déficit habitacional são conceitos distintos. O fato de ser ou não proprietário do imóvel não garante a qualidade deste e nem se contem a infraestrutura adequada. No conceito de déficit habitacional utilizado, pergunta-se se o morador vive em uma moradia digna independente e se é proprietário do imóvel. É importante pensar também quantos vivem por cômodo e seu tipo de construção. O ideal é uma pessoa por quarto e paredes de alvenaria ou madeira aparelhada.

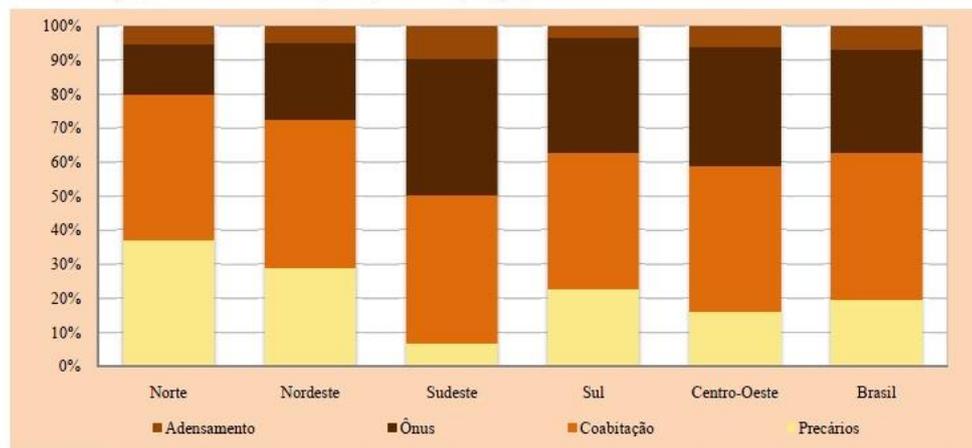
Os critérios utilizados para caracterizar a moradia adequada:

- Instalação sanitária ligada à rede geral ou fossa séptica;
- Abastecimento de água com canalização interna ligada à rede geral;
- Lixo coletado;
- Ligação à rede de energia elétrica.

O déficit entre as camadas sociais da sociedade é muito marcante. O Déficit habitacional por renda :70% tem renda inferior ou igual a 3 salários mínimos no nordeste, Sul- sudeste 60% e centro-oeste 65%. Verifica-se que cerca de 70% do déficit habitacional no Brasil está localizado nas regiões Sudeste e Nordeste.

Mais de 70% do déficit habitacional no Brasil são compostos pela coabitação familiar (43,1%) e pelo ônus excessivo com aluguel (30,6%), conforme dados da tabela 2. Esses dois componentes representam 5,1 milhões de unidades de déficit. Domicílios precários, com 19,4%, e adensamento excessivo de domicílios alugados (6,9%) são os componentes menos expressivos do déficit e que, juntos, correspondem a cerca de 1,8 milhão de unidades. (Lorenzetti, 2001, p. 32)

Gráfico 2 - Composição do déficit habitacional por componentes e regiões geográficas - Brasil - 2010



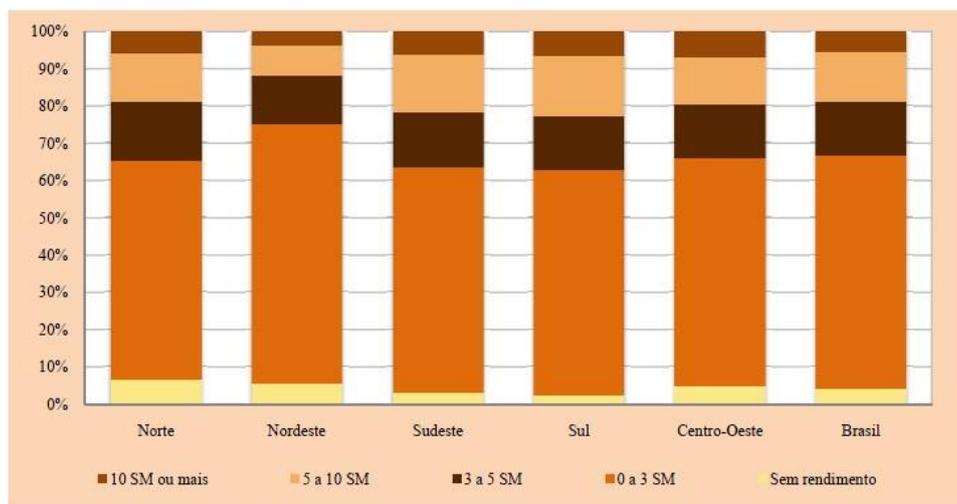
Fonte: IBGE: censo demográfico, 2010.

FIGURA 16- Gráfico de déficit relativo por unidades do estudo Déficit Habitacional Municipal no Brasil de 2010.

De modo geral, os estados da região Norte, além de Maranhão e do Piauí tem forte presença de domicílios precários. Nos demais estados da região Nordeste e das regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste, o ônus excessivo com aluguel é forte e, em alguns casos, inclusive, predominante. Não somente as áreas metropolitanas sofrem com o peso do aluguel que representam (35,8%) do déficit) já as áreas não metropolitanas representam (25,6%), embora o ônus excessivo com aluguel é menos expressivo nas localidades em que há alta presença de domicílios precários.

*Nas regiões Norte e Nordeste, os domicílios precários aparecem com percentual maior que o das demais regiões, em detrimento do componente do ônus excessivo com aluguel urbano. A proporção do componente coabitação é semelhante em todas as regiões, próximo dos 40%. O ônus excessivo com aluguel urbano é mais expressivo nas regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste. O adensamento excessivo representa um percentual baixo do déficit habitacional, maior na região Sudeste e menor nas regiões Sul, Nordeste e Norte. (ver gráfico 18 e 19)( Fundação Joao Pinheiro, 2010,p.36).*

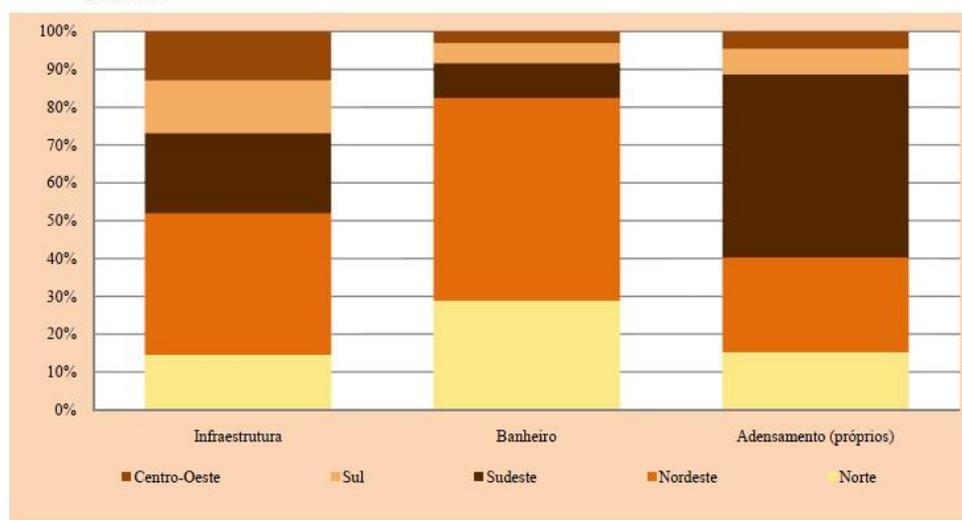
Gráfico 3 - Déficit habitacional urbano por classe de rendimento domiciliar e regiões geográficas - Brasil - 2010



Fonte: IBGE: censo demográfico, 2010.

FIGURA 17- Gráfico do déficit relativo por unidades do estudo Déficit Habitacional Municipal no Brasil de 2010 por renda.

Gráfico 7 - Distribuição dos domicílios particulares permanentes urbanos inadequados por critérios de inadequação segundo regiões geográficas - Brasil - 2010



Fonte: IBGE: censo demográfico, 2010.

FIGURA 18- Gráfico do déficit relativo por unidades do estudo Déficit Habitacional Municipal no Brasil de 2010 por renda.

O déficit ainda existe para as outras classes só que em menor número e de outras formas. A classe de 3 a 5 salários mínimos apresenta déficit de 13,3 % e a de 10 ou mais de 3,4%. Foi visto acima que o ônus do aluguel pesa na classe média nos grandes centros também. O problema do adensamento e da coabitação existe no país de maneira variada.

Um ponto a se levantar sobre estes dados é que eles não incluem moradia em terreno irregular e moradores de rua o que pode ser um dado significativo em grandes cidades.

Viu-se que em 2010 este problema era muito sério, mesmo que os dados precisem ser atualizados. Sabe-se que o governo não tem programas ativos que melhoraram o quadro, ainda há um grande desafio pela frente.

### 3.3.Ocupação ilegal

A ocupação ilegal é um fato no Brasil. Os mais favorecidos buscam a posse legal por meio de um ato ilegal como ampliação não autorizada. Já os menos favorecidos buscam um local para construir suas casas e invadem áreas não valorizadas pela ação imobiliária legal como particulares não edificadas, áreas alagadiças, encostas, embaixo da ponte e viadutos. Muitas atitudes errôneas ajudaram a piorar o problema. Nem todas as atitudes foram erros, porém o problema ainda é muito grande no Brasil.

A favela se caracteriza como uma anomalia urbana e civilizatória da classe de baixa renda para seu problema de moradia, mesmo sendo um problema social. Há a posse ilegal da terra, precariedade da moradia e falta de acesso aos serviços públicos, porém não necessariamente é mal localizada. Áreas não ocupadas pelo loteamento regular como praças são exemplos disso. Para eles, é mais importante estar próximo ao trabalho, pagar menos com o transporte e menos tributos como aluguel.

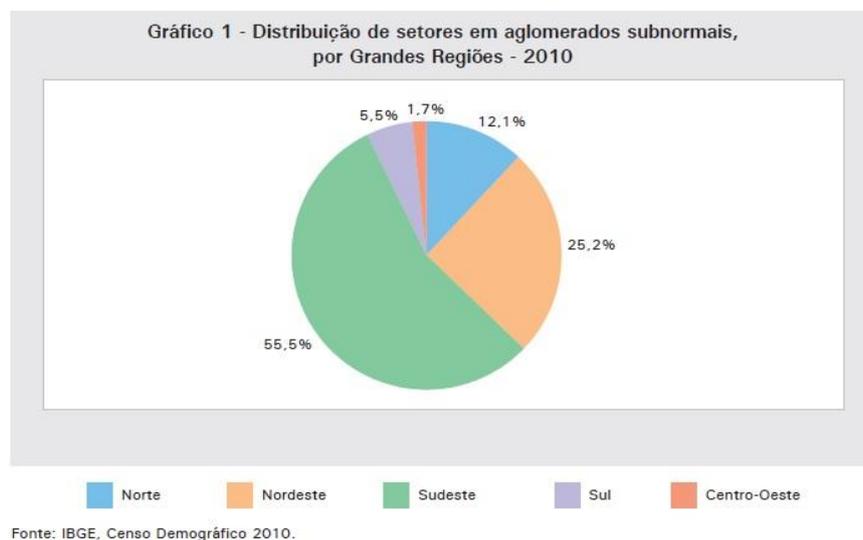


FIGURA19- Gráfico do da distribuição dos setores subnormais por regiões.

*O Brasil possuía 15 868 setores subnormais, que somavam uma área de 169 170 hectares e comportavam 3 224 529 domicílios particulares permanentes ocupados. A Região*

*Sudeste foi a que apresentou a maioria dos setores em aglomerados subnormais do País (55,5%), e também o maior percentual de domicílios nestas áreas (49,8%). Apresentou, ainda, a maior área ocupada por setores subnormais (33,3%), mas nesse quesito também se destacaram as Regiões Norte e Nordeste, com importantes percentuais de áreas ocupadas por setores subnormais, 27,5% e 26,7% respectivamente (Gráficos 1, 2 e 3). Conclui-se que na Região Sudeste as áreas de subnormais pesquisadas eram mais densas, seguida da Região Nordeste. (IBGE,2010, Pág. 30) (ver imagem 20)*

As ações que buscaram remover as favelas foram ineficientes junto com aquelas que tentaram realocar estas pessoas em conjuntos habitacionais, pois as moradias são muitas vezes menores e perderam as vantagens de localização citadas anteriormente somando-se o custo gerado pela mudança de padrão de vida. Agora precisarão pagar impostos, contas de água, luz, telefone entre outras. No fim, acabam vendendo o imóvel o que realimenta o processo de favelização. O programa de reurbanização das favelas mesmo que mantenha a população no local respeitando sua ocupação ainda as expulsa, pois a área agora valorizada e com infraestrutura atrai população de renda mais alta.

Os cortiços são outro problema de ocupação. Eles são resultados da oferta de moradia nas áreas centrais buscando deixar estas populações próximas dos seus empregos. A questão é que são muitas vezes acomodados em cômodos pequenos, insalubres, superlotados e com altos preços. Via de regra, o programa de renovação urbana expulsa estes moradores dos cortiços por apresentarem habitações ruins.

Outro problema são os loteamentos agindo como fatores de expansão, pois por serem situados distantes das cidades aumentam a área urbana mais que o necessário e gerando mais demanda para a ampliação da infraestrutura. Os irregulares são piores, pois não respeitam as leis de uso e ocupação, os recuos, a liberação de áreas verdes, etc. Eles estão localizados muitas vezes em áreas rurais sem infraestrutura, gerando bairros inteiros longe da cidade. Estes lotes são mais baratos permitindo que a classe baixa possa comprar ou pagar os alugueis.

### 3.4 Programas do governo

Logo após o golpe militar, foi criado o Banco nacional da Habitação, BNH. Ele foi pensado para financiar o programa de moradia do governo. Foi criado um sistema de financiamento para financiar a construção civil tradicional. Foi estimulada a ideia da casa própria que com o programa dinamizou a economia e se tornou um dos elementos centrais do governo militar.

O SFH, Sistema Financeiro de Habitações, foi criado para garantir crédito e usou o FGTS, Fundo de garantia de tempo de serviço, mas não havia subsídios das parcelas o que afastou a maior parte da população: a baixa que ganhava menos de 3 salários mínimos.

*Define-se, assim, uma estratégia clara para intervir na questão habitacional: estrutura institucional de abrangência nacional, paralela à administração direta, formada pelo BNH e uma rede de agentes promotores e financeiros (privados ou estatais) capazes de viabilizar a implementação em grande escala das ações necessárias na área habitacional e fontes de recursos estáveis, permanentes e independentes de oscilações políticas. (BONDUKI, p. 73)*

A gestão refletiu o modelo de governo: ditadura, pois ela era rígida, centralizada e administrativamente autoritária. Não havia participação na área de projeto. Havia falta de controle social na administração do dinheiro e não havia estratégias de construção regional como a autoconstrução no programa de governo.

*É necessário enfatizar ainda o desastre, do ponto de vista arquitetônico e urbanístico, da intervenção realizada. Dentre os erros praticados, se destaca a opção por grandes conjuntos na periferia das cidades, o que gerou verdadeiros bairros dormitórios; a desarticulação entre os projetos habitacionais e a política urbana e o absoluto desprezo pela qualidade do projeto, gerando soluções uniformizadas, padronizadas e sem nenhuma preocupação com a qualidade da moradia, com a inserção urbana e com o respeito ao meio físico. Indiferente à diversidade existente num país de dimensões continentais, o BNH desconsiderou as peculiaridades de cada região, não levando em conta aspectos culturais, ambientais e de contexto urbano, reproduzindo à exaustão modelos padronizados. (BONDUKI, p. 74)*

A crise chegou nos anos 80 e se prolongou para os anos 90 e os sintomas foram: a recessão, aumento da inflação e queda nos níveis de salário, ou seja, gerou a inadimplência para pagar as parcelas. A oposição à ditadura aumentou e usaram o BNH como símbolo do governo. Os protestos e o movimento da moradia que representavam quem não conseguia pagar as parcelas da casa se intensificaram.

Para tentar remediar a situação, diminuíram drasticamente o valor das parcelas subsidiando o que gerou um rombo no sistema financeiro e não resolveu a questão nem diminui as reclamações.

Com o fim da ditadura, o BNH foi fechado e com ele se foi a experiência adquirida, pois mesmo sua política habitacional sendo equivocada, era articulada e coerente. O Brasil deixou de certo modo de ter uma política nacional de habitação. Desde a extinção do BNH em 1986 e a criação dos ministérios da cidade em 2003, esta questão ficou a cargo de 7 estruturas governamentais distintas, dispersas e sem efetivação operacional.

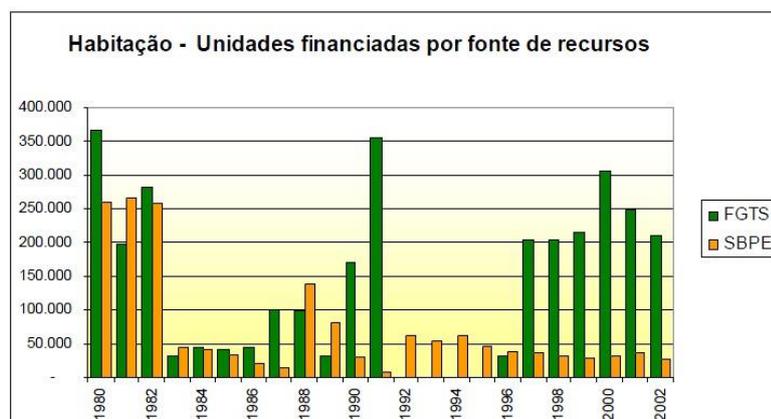


Gráfico I - Unidades financiadas SBPE-FGTS (1980-2002)

FIGURA 20- Gráfico da distribuição financeira pelo tipo de recurso.

Um controle mais rígido do crédito foi feito sendo paralisado entre os anos 1991 e 1995 por causa de decisões políticas equivocadas e corrupção. Os investimentos no SFH diminuíram para cobrir o gasto de dinheiro causado pela redução drástica das parcelas no governo militar. O problema habitacional piorou sem investimento e com a crise dos anos 80 e 90.

Segundo a constituição de 88, os estados e municípios ficaram responsáveis de resolver a questão habitacional que antes era dever do âmbito federal.

A política habitacional precisava ser revista e foi chamada de Pós-BNH. Foi pensada uma nova maneira de voltar a investir neste setor, agora os três poderes; o federal, estatal e municipal estavam engajados. Novos programas foram criados e precisaram inovar. Alguns adotaram um perfil social como o mutirão entre outros, porém eram desarticulados necessitando de uma política nacional. Políticas de vanguardas viraram referências nacionais no HABITATI II. Um

programa da ONU que começou para ajudar as vítimas de desastre, mas se desenvolveu e se tornou uma organização voltada a cooperar com programas urbanos, de forma geral. Particularmente voltado a promover o fortalecimento da gestão municipal e desenvolvimento local segundo o livro Habitat Nihil Banduki. Neste momento o Presidente do Brasil chamava-se Fernando Henrique Cardoso e houve o retorno do financiamento que desta vez era direto ao beneficiário sem intermediários.

*Nesta fase, surgem, ao lado de intervenções tradicionais, programas que adotam pressupostos inovadores como desenvolvimento sustentável, diversidade de tipologias, estímulo a processos participativos e auto gestãoários, parceria com a sociedade organizada, reconhecimento da cidade real, projetos integrados e a articulação com a política urbana. Esta postura diferenciava-se claramente do modelo que orientou a ação do BNH e com estes pressupostos emergem programas alternativos, como urbanização de favelas e assentamentos precários, construção de moradias novas por mutirão e autogestão, apoio à autoconstrução e intervenções em cortiços e em habitações nas áreas centrais.*

*Princípios como flexibilidade, descentralização, diversidade, reconhecimento da cidade real, entre outros, foram adotados com novos referenciais, pelo menos na retórica, de maneira compatível com o ambiente e o debate nacional e internacional que, de uma forma bastante generalizada, passou a rejeitar os programas convencionais, baseados no financiamento direto à produção de grandes conjuntos habitacionais e em processos centralizados de gestão. (BONDUKI, p. 77)*

Infelizmente, mesmo com o avanço não conseguiram alcançar uma política urbana o que gerou efeitos negativos na sociedade, na economia e na área urbana. Para evitar outro dano no SFH, a Caixa Econômica, agora responsável pelo crédito habitacional, buscou um investimento mais seguro e mais fácil de acompanhar, ou seja, a aquisição de imóveis usados. Isso causou pouco impacto na economia e gerou poucos empregos. O financiamento para materiais de construção para apoiar o auto empreendimento acabou estimulando a produção informal de moradia e piorando o problema urbano. Esta população tinha acesso a baixas parcelas sem contar com assessoria técnica o que não gerou necessariamente moradias com condições adequadas para habitar.

Sabe-se que de 1993 a 2003, 78,84% dos recursos foram utilizados para famílias com até 5 salários mínimos e somente 8,47% para até 3 salários. A classe mais favorecida foi a média e não a baixa.

Em 2003 foi aprovado o estatuto da cidade garantindo no papel a função social da terra.

No início de 2004, o país encontrava-se em grave situação na habitação. O déficit urbano de moradia era de 83,2% sendo as regiões Sudeste com 41% e a nordeste com 32% os que apresentavam piores índices de moradias inadequadas. Percebeu-se que o financiamento para a classe média e alta foi para adequação do imóvel que muitas vezes se encontrava neste indicador por falta de infraestrutura governamental.

*A dimensão deste problema mostra que a questão habitacional não pode ser equacionada apenas com a oferta de novas unidades, como foi feito durante o período do regime militar, requerendo uma ação articulada com as políticas urbana, fundiária e de saneamento, que apenas podem ser implementadas pelo poder público. (BONDUKI, p. 85)*

Em 2000, 37% dos imóveis em áreas urbanizadas estavam desocupados e sob processo de depreciação. A política fundiária inadequada faltando a articulação com a política habitacional e urbana ajudou a gerar um aumento demográfico nas favelas em 22% segundo o IBGE.

Para combater o problema, o Projeto moradia pensado por municípios no governo do FHC e que foi resultado de experiência habitacionais e debates com a população foi incorporado ao governo como programa âncora. A administração local ganhou importância, mas tinha a articulação e financiamento institucional tendo como elemento central o FNHIS (Fundo de Habitação de interesse social).

*Para que os estados e municípios pudessem integrar o novo sistema, teriam de aderir à estrutura de criação de fundos, conselhos e planos locais de Habitação de Interesse Social (HIS), de forma a garantir sustentabilidade, racionalidade e, sobretudo, a participação democrática na definição e implementação dos programas e projetos. Como elemento central do Sistema, o Fundo Nacional de Habitação de Interesse Social (FNHIS), criado a partir de um projeto de lei de iniciativa popular, sob a liderança do movimento de moradia, permitiria o repasse de recursos a fundo perdido para estados e municípios, sendo estes os principais executores das políticas. (Cardoso,2011, p. 02)*

Foi pensado a médio e longo prazo e para isso ser possível foi criado o PAC (Programa de aceleração do crescimento) que se focou na questão da urbanização de favelas. Em 2009, veio o Minha Casa Minha Vida com subsídios diretos do governo federal as famílias com até 10 salários mínimos. Houve a diminuição dos juros e subsídios do governo.

*A implementação de uma política habitacional regida por uma lógica empresarial trouxe reflexos diferenciados para a construção do espaço urbano, assim como para a eficácia da política de habitação como mecanismo de redução das desigualdades sócio espaciais. Afinal, como afirmam Rolnik e Nakano (2009) uma “boa” política de geração de emprego e renda na construção civil não significa necessariamente uma “boa” política habitacional . (Cardoso, 2011, p 05)*

Os estados e municípios ficaram responsáveis em organizar a demanda, seleção dos beneficiários com os cadastros encaminhados ao CEF, flexibilização da legislação, diminuição dos impostos e até doar terras para a construção dos empreendimentos, no entanto o promotor do empreendimento deixa de ser o setor público e passa a ser o setor privado.

*O lucro imobiliário é maximizado com a capacidade das empresas em desenvolver estratégias de redução do valor pago aos proprietários, a exemplo: com a constituição de estoques de terras, com a transformação de solo rural em urbano, ou ainda com a possibilidade de antecipar mudanças na legislação de uso do solo que viabilizem a utilização de terrenos até então fora de mercado. Já o lucro da construção se viabiliza com ampliação da escala, racionalização do processo produtivo, redução de perdas, aumento da produtividade do trabalho e utilização de novas tecnologias. Para a redução do custo ou do tempo de produção torna-se necessário ampliar o tamanho dos empreendimentos, buscando concomitantemente maior padronização. Neste sentido, buscar a ampliação da escala dos empreendimentos, o que tem como consequência a necessidade de trabalhar com terrenos de maiores dimensões, reforça o processo de periferização, já que é mais difícil encontrar áreas de tamanho adequado nas regiões centrais.*

*Fenômeno decorrente do fato da oferta de terra urbanizada ser relativamente limitada na maioria dos municípios com maior centralidade e, na ausência de políticas de controle da especulação e cumprimento da função social da propriedade, a tendência é que o preço da terra aumente na proporção em que cresce a demanda. Seja pelo preço ou tamanho dos terrenos disponíveis, o setor empresarial irá inevitavelmente, privilegiar as periferias para a localização dos seus empreendimentos. (Cardoso,2011, p 06)*



FIGURA 21- Imagem de um conjunto habitacional construído na Bahia.

O PMCMV se reflete na estrutura do espaço urbano e dependendo da demanda local, do setor imobiliário e características do mercado de terra podem ter características específicas, mas de modo geral tende a periferização. Os dados informam que grande parte dos empreendimentos se situa em municípios polos, porém não se pode garantir que mesmo dentro da área urbana não sejam periféricos. O sudeste e nordeste apresentam um grande número de construções com este perfil, mas existem outros em área urbanizada. Os problemas com este tipo de intervenção foram vistos nas edificações do BNH. Este programa buscou meios legais para impedir que a teórica social e inovadora seguisse o mesmo erro do governo militar, porém empreiteiras e construtoras tentam meios para burlar estes mecanismos e aumentar seu lucro mesmo que isso signifique homogeneização, padronização e o não atendimento das distintas necessidades locais.

Os municípios sofrem de outro problema quando não conseguem ser atrativos para as empresas ou desenvolver projetos próprios para a habitação mesmo com demanda.

É importante dizer que estes projetos vieram buscar uma solução para o problema complexo da habitação e que a crise mundial esteve presente como mais uma dificuldade. Usar a construção de moradias para a população mais humilde para impulsionar a economia é um ato muito inteligente, mas cabe fiscalizar se a ideologia está sendo aplicada de modo correto.

#### 4.0. A moradia em Fortaleza

Como a capital do Ceará, Fortaleza apresenta os problemas citados acima. Para explicar melhor as particularidades presentes neste estado, será dada uma síntese do crescimento urbano.

#### 4.1. Evolução Urbana de Fortaleza

Houve várias tentativas de colonizar o Ceará. A primeira com Matias Soares Moreno, depois com o holandês Matias Beck nas margens do rio Pageú. O nome do assentamento foi mudado com a tomada portuguesa e denominou-se Fortaleza da nossa senhora da Assunção em 1654. Em 1823, virou cidade com a ordem de D. Pedro I.



FIGURA 22-Plano Diretor por Adolf Herbster.

A primeira tentativa de ordenação foi no início do sec. 19 com Silva Paulet, mas seu traçado ortogonal não foi respeitado sendo somente implantado anos depois.

No início do século 20, houve uma industrialização incipiente no estado e o urbanista Adolfo Herbster, ver FIGURA 22, foi chamado para regularizar a malha da cidade e planejar seu crescimento. Ele introduziu 3 avenidas importantes hoje que foram a Av. Duque de Caxias, Dom Manuel e Av. do Imperador. Três rotas de expansão da cidade foram pensadas e elas refletiam a importância do comércio de gado com o interior. Elas foram a atual Bezerra de Menezes que ligava o interior com o sertão, a Av. Joao Pessoa que ligava à Parangaba e a Av. Visconde do Rio Branco que ligava à Messejana. Com aumento da necessidade de ampliar as linhas de transporte na cidade, foram implantados os bondes. Pelo fato de haver concentração de renda e dos lucros da economia cearense, este benefício atingiu poucas pessoas, por isso teve pouco impacto na sociedade de Fortaleza.

O plano de Adolf Herbster desconsiderava as áreas de praias com exceção a dos portos que se tornou um local de ocupação dos pobres e imigrantes do interior. Em 1930, houve um aumento no êxodo rural impulsionados pela seca no interior, pelo fácil acesso à capital com a construção da ferrovia, pela economia do gado nos latifundiários que utilizavam pouca mão- de-obra e pela não garantia de emprego no sul do país.

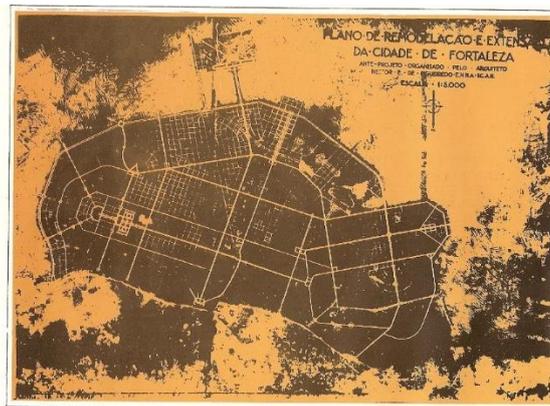


FIGURA 23-Plano Diretor do urbanista Nestor Figueiredo. Plano do sistema viário de remodelação e extensão de Fortaleza elaborado pelo urbanista Nestor Figueiredo.

Em 1933 e 1940 foram feitos mais dois planos um pelo arquiteto Nestor Furtado e outro pelo Urbanista Saboia Ribeiro que não foram executados. Houve um crescimento espontâneo e desordenado sem planificação dos gestores públicos gerando as primeiras aglomerações com cara de favelas no Mucuripe, Lagamar, no cerco do Zé Pedro e o início da degradação hídrica.

*Fortaleza assume “ares” de cidade moderna: ruas pavimentadas em concreto, para um melhor trânsito dos automóveis; alargamento de mais vias, principalmente no Centro da cidade; a iluminação pública elétrica, as primeiras radiações radiofônicas e a inauguração do primeiro cinema. Apesar destes muitos progressos na Fortaleza das décadas de 1930 e 1940, a cidade continua a se desenvolver sem um real controle urbano.* (SOARES, 2005, p 28)

Iniciou-se a valorização da área litorânea para lazer e veraneio e nos anos de 1920-30 para a instalação de mansões. O centro começou a se especializar em atividades do comércio e serviço o que antes representava a área residencial da população mais rica. Os poderes municipal e estadual ali também se instalaram e o conjunto das mudanças gerou a saída das residências familiares para Jacareacanga e Benfica. Neste momento a orla ainda não fora usada como área de expansão talvez pela dificuldade de ocupar as dunas.

Aumenta a influência de Fortaleza no estado como centro coletor, beneficiador e distribuidor de algodão. O trem e sua infraestrutura de apoio passam a interferir na dinâmica da cidade.

No caso de Fortaleza o trem não estava a serviço do transporte interurbano, mas passou a interferir na malha viária e no uso e ocupação do solo a partir do momento em que, por demandas regionais, tiveram que ser instalados nas proximidades da linha férrea, vários galpões, pátios de manobras e oficinas para manutenção dos vagões e dos trilhos, a maioria nas proximidades da avenida Francisco Sá, no bairro do Jacareacanga. (SOARES, 2005, p 31)

A Jacareacanga assumia ares e características industriais para o algodão quando os trabalhadores que ocuparam terrenos vazios e a ferrovia se instalaram mudando seu perfil residencial para industrial.

A área leste passou a ser valorizada pela residência de grande e médio porte. O mar se tornou o foco e as populações de pescadores e imigrantes foram retirados ou suas terras compradas. Eles acabaram se mudando para arredores, subúrbios ou faixas de praia próximas a áreas portuárias.

Neste caso os mais favorecidos tiveram mais importância nesta ocupação.

Um novo plano é lançado em 1962, refletindo as novas diretrizes da classe média que teve os mesmos problemas que os anteriores, foi negado ou parcialmente implantado.

A praia de Iracema começou a ser valorizada como novo polo de lazer e serviço para a classe alta tendo acontecido a retirada ou compra de terrenos de pescadores e favelas. Eles, então, ocuparam áreas verdes, periférica e distantes da cidade. Esta valorização da área leste foi até o porto do Mucuripe, um marco local de industrialização.

*Sobre a compartimentação da cidade, é válida a análise feita por Dantas (2002, p.55), o qual afirma que Fortaleza se divide em quatro partes: a parte leste, caracterizada como zona residencial das classes mais abastadas, onde crescem atividades comerciais e administrativas; a parte oeste é aquela onde se encontra a população de baixa renda, proletária, que se organiza ao longo da linha férrea e serve de mão-de-obra das indústrias ali instaladas; a porção sul, onde se tem início a construção dos primeiros conjuntos habitacionais; e a parte norte, das faixas de praia, que continua sendo ocupada, principalmente pela população de pescadores remanescente das praias de Iracema e Meireles. (SOARES, 2005, p 33)*

Em 1970 houve um aumento da imigração com a indústria incipiente e precária sendo o setor terciário responsável em absorver o excedente de mão-de-obra.

O PLANDIRF foi elaborado e foi o primeiro a considerar a região metropolitana de Fortaleza que na época contava com Caucaia, Maranguape, Pacatuba e Aquiraz, mas não foram pensadas estratégias conjuntas para lidar com questões intermunicipais como transportes, recursos hídricos, etc. Ele também privilegiou o automóvel com abertura de vias em contrapartida do trem. Seu zoneamento foi utilizado até o plano diretor de 2012.

As favelas antes ignoradas tiveram agora sua população encaminhada para conjuntos habitacionais periféricos que acabaram se tornando cidade dormitório.

Fortaleza se consolidou como metrópole e houve a abertura de novas avenidas e o aumento de importância de outras como a Av. Bezerra de Menezes eixo importante para ligar o Antônio Bezerra ao Conjunto Ceará. Na década de 70, a ocupação da área leste continuou. Conjuntos habitacionais foram implantados nas dunas da praia de Iracema e lotes foram ocupados por grandes instituições como a Unifor, Centro de Convenções e academia da polícia militar.

A infraestrutura foi ampliada para o leste e áreas incorporadas ao perímetro urbano como o sítio do Cocó (Hoje Vicente Pizon, Papicu e Cocó), sítio Colosso (Alagadiço novo) e Cambé (aonde está a nova sede administrativa do estado). A população predominante era a classe média e alta, sendo a região leste (bacia do rio Maranguapinho que era densamente ocupada e historicamente desassistida de políticas públicas) não sendo a prioridade do governo.

*Este Plano Diretor reforçava as ideias de renovação e de expansão do centro urbano e de descentralização das atividades comerciais/serviços, com a criação de zonas de adensamento comercial e instituição dos corredores de atividades, ao longo das principais vias de tráfego, incentivando o uso misto. Direcionava a implantação de zonas industriais nos bairros do Mucuripe, Barra do Ceará e a criação do Distrito Industrial. (SOARES,2005, p 36.)*



FIGURA 24-A beira mar nos anos 70 com pouca ocupação da praia.

O plano tentou controlar o adensamento e verticalização o que não foi obedecido e a cidade vivenciou uma explosão demográfica com falta de gestão e planejamentos adequados. O crescimento se deu através de conturbação, substituição das áreas verdes e agrícolas pelo urbano em muitos casos. A concentração iniciou-se nos bairros Meireles e Aldeota e se expandindo para a Varjota, Mucuripe, Vicente Pizon, Papicu, Cocó, Dunas e Praia do futuro.

A década de 1970, e oitenta mesmo com investimento da Sudene e do BNH se encontrava com auto índice de desemprego e um alto déficit habitacional.

*Ainda segundo a autora MARICATO, 2000, os planos produzidos nos governos municipais democráticos (após o fim da ditadura) representam um modelo de planejamento que não responde a alguns questionamentos práticos da problemática urbana: não traz soluções para cidade informal/ilegal; não indica estratégias a curto e médio prazo para o problema das enchentes; ignora ação excludente e especulativa do mercado imobiliário; e principalmente, desconsidera as áreas ambientalmente frágeis ocupadas por moradias, não assumindo de forma integrada o processo de degradação dos espaços naturais incorporados de uma forma ou de outra ao urbano. (SOARES,2005, p 46)*

Fortaleza vem ignorando seus planos diretores o que gerou uma cidade desordenada, desestruturada e com graves problemas sociais e ambientais. A maneira como foram executadas medidas pontuais como tentativa de solução de problemas, geraram mais desarticulação para a cidade.

O plano de 2012 sofre do mesmo problema, pois a maioria das obras executadas entre elas a reformulação viária no bairro do Cocó, mudança e sentidos de ruas na Aldeota entre outras não estavam presentes no plano diretor. Evoluções foram alcançadas no quesito de implantação das Zeis (Zonas Especiais de Interesse Social), porém as obras iniciadas neste quesito não tiveram continuidade no novo governo. A questão habitacional ainda é um problema sério, mesmo com a aplicação do programa Minha Casa Minha Vida cujas considerações gerais citadas anteriormente se aplicam ao Ceará.

O governo vem dando apoio a segmentos minoritários como a indústria de turismo, mercado imobiliário, empresário de construção civil e setores do comércio e serviços. A ação dos setores imobiliário em guiar o crescimento da cidade é crítica e suas consequências já foram discutidas no capítulo anterior.

A população ainda precisa de muita assistência, pois ainda vive o velho problema da falta de infraestrutura urbana como a questão do déficit habitacional, favelização, falta de emprego, entre outros.

Mudanças ocorreram, escolas técnicas foram construídas, a infraestrutura foi ampliada em algumas regiões, o problema ainda é muito grande, pois o descaso com esta população é histórico, ou seja, para solucionar o problema da desigualdade social, pobreza, moradia digna é necessário de muita atenção estatal, governamental e municipal a esta questão, no entanto, isso não tem ocorrido com a frequência necessária.

## 05.Principios e Fundamentos do projeto

O tema deste trabalho é o lar. O local sagrado no qual guardamos lembranças e nos sentimos seguros. Um local que ansiamos por voltar depois de um longo dia de trabalho e pelo simples fato de estarmos ali nos sentirmos bem, seguros e relaxados. A casa do seu melhor amigo não é sua casa, por mais que aquele ambiente tenha sido preparado para você. Os lugares têm significados distintos dependendo da pessoa. As memórias são muito importantes. Palavras como nosso quarto, nossa casa e o local onde sempre sentávamos para almoçar mostram que uma casa é um cofre de recordações, desejos no qual nem todos os recantos têm mesmo valor e peso. Cada lugar é único. É preciso pensar desta forma quando se vai projetar uma casa, pois ela representa muito mais que um conjunto de cômodos, mas sim o lugar em que se vai passar grande parte da sua vida. A isso chamamos de lar, um local que necessita acolher e gerar um sentimento de segurança e aconchego, um local para sempre voltar apesar de tudo.

Alguns conceitos serão explicados para se entender o porquê de não morarmos em uma habitação, mas sim em um lar. Depois será explicado um pouco sobre a diferença do pensamento oriental e ocidental para se entender o modo de organização de ambos e tirar proveitos do melhor dos dois casos.

Projetar uma casa é como pensar em todas as necessidades futuras, as mais corriqueiras e os desejos e sonhos de quem vai morar ali e dar uma forma. Todos os dias que ali forem vividos darão vida a aquele espaço e tornarão aquele lugar um lar.

### 5.1 Espaço e Lugar

Hoje, os jovens se trancam em seus quartos e tornam aquele pequeno cômodo o seu mundo onde têm tudo de que necessitam e onde se sentem seguros. O escritório por outro lado não lhes interessa, não tem seus pertences, é o espaço do pai. Com esse pensamento em mente, digo que o quarto é um lugar para o filho e o escritório, um espaço. (ver FIGURA 25 e 26)



FIGURA 25 -Uma casa não habitada, um exemplo de espaço.

FIGURA 26-Uma espaço habitado que se caracteriza como um lugar.

“Todo lugar é um espaço, mas todo espaço não é lugar. O que começa como um espaço indiferenciado, transforma-se em lugar à medida que conhecemos melhor e o dotamos de valor. ” (Tuan,1983).

A casa é então, um lugar, um lar. Somente, portanto, alguns espaços que dotamos de valor são lugares. Estacionamentos, o pátio da escola, a rua são espaços. O ser humano necessita dos dois então. ” Espaço é um símbolo comum de liberdade no mundo ocidental. O espaço que permanece aberto sugere o futuro e convida à ação. Do lado negativo, espaço e liberdade são uma ameaça... ser aberto e livre é estar exposto e vulnerável. O espaço fechado e humanizado é lugar. Comparado com o espaço, o lugar é um centro calmo e de valores estabelecidos. Os seres humanos necessitam de espaço e lugar. As vidas humanas são um movimento dialético entre refúgio e aventura; dependência e liberdade. ” (tuan 1987 pag 61). (ver figura 27).

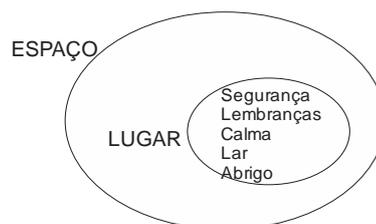


FIGURA 27-. Todo lugar é espaço, mas nem todo espaço é lugar

Pode-se perguntar o que diferencia o espaço do lugar. Para alguns, um lugar de vinte metros quadrados pode ser considerado um local para se habitar, mas para outros é uma área apertada e claustrofóbica. Algumas tribos indígenas viviam com ou sem divisórias por família, por exemplo. Os portugueses no século 18, na ilha de Açores, tinham divisão de espaço e de cômodos com os pais dormindo no quarto e os filhos na sala. Quanto espaço era necessário para uma família viver confortavelmente e como era dividido? Depende da cultura dos hábitos, da renda

familiar, pois quem ganha mais quer em geral mais espaço. A pergunta importante a ser feita é: há um fator unificador para se perceber, medir e qualificar o espaço? O corpo humano se tornou uma medida. Gian Lorenzo Bernini contruiu edificações no século dezoito usando pés como medida que hoje representariam hoje a 30,48 cm.

Psicologicamente, o corpo humano também é importante para se perceber o que está ao redor, por exemplo. Falamos: pegue isto ou pegue aquilo. Este se refere a algo com maior distância que a do seu braço pode alcançar, aquele é o inverso. Essa medida é crucial, pois o modo como organizamos lugares e espaço depende das medidas humanas: cadeira, mesa, armários, portas, pé direito. Adaptamos o espaço para ser útil ao estereótipo humano. Resumindo: para se projetar um ambiente agradável e seguro como um lar, entender esse conceito é fundamental. (Ver figura 28)

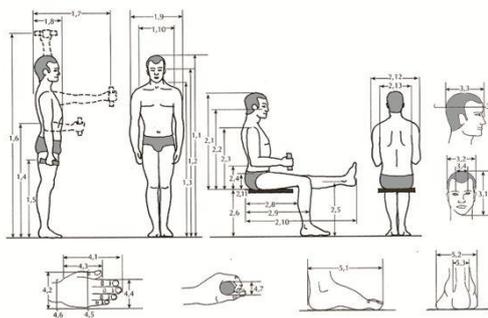


FIGURA 28-Medidas universais humanas usadas como referência para projetos de arquitetura, fabricação de móveis, etc.

Uma questão interessante a se tratar agora é o espaço de segurança. Refere-se à quantidade de espaço ao redor das pessoas que se precisa para se sentir seguro e confortável. Percebe-se de modo distinto o que está a nossa frente, lado ou costas. Para o ocidental, não há incômodo em encostar os ombros no elevador por exemplo, mas se na sua frente estiver muito próximo de outra pessoa, haverá inconveniente e necessidade de reajustar seu espaço de segurança. Quando falamos da frente e costas é importante salientar o sentido temporal, este representa o passado e aquele, o futuro. No sentido social, olhamos para cima as pessoas superiores e o mesmo vale para a arquitetura: maior a altura maior o

prestígio social dado por este edifício para as pessoas que vivem nele. Isso acontece principalmente com monumentos e edifícios que simbolizam o poder de um povo ou governante. Nos casos das habitações, isso nem sempre se aplica.

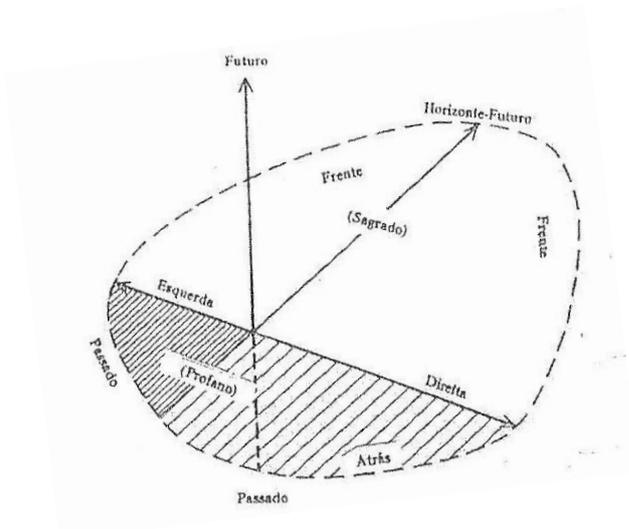


FIGURE 29-. Relação do homem com sua frente, costas e laterais. O futuro está à frente e “acima”. O passado está atrás e “abaixo”.

“As pessoas são seres sociais. Gostamos de companhia de nosso semelhante. Como toleramos ou apreciamos a aproximação física de outras pessoas, por quanto tempo e em que condições, varia sensivelmente de uma cultura para outra.” (Tuan 1987,pag 70)

## 5.2.Formação étnica brasileira

O Brasil tem formação básica tríplice. Os portugueses tiveram importância, porém foi a interação entre os europeus (principalmente portugueses), índios e negros que gerou a cultura brasileira. A imigração especificou culturalmente ainda mais algumas regiões. Estudaremos inicialmente o índio, depois os negros e posteriormente os portugueses.

Os orientais virão por último. Esse estudo é para entender o que caracteriza a cultura regional e a arquitetura vernacular hoje.Com esse conhecimento é possível

pensar em uma residência sustentável, adequada para seu clima e utilizando técnicas e materiais com menor gasto energético.

### 5.3. Índios

Quando os europeus chegaram ao Brasil havia mais de 70 culturas diferentes ou em termos arquitetônicos, mais de setenta tradições construtivas específicas. Não é possível estudá-las separadamente tanto por falta de dados como também pela sua diversidade. Por isso, vamos trabalhar com algumas tipologias já estudadas que servirão como ilustração de grande variedade de tipologias existentes ou extintas.

Antes de falar nas construções, é importante citar algumas questões culturais que definem e explicam a forma arquitetônica aplicada e a organização do espaço utilizado. As mulheres e os homens tinham espaços distintos dentro das moradias podendo comer em lugares separados como também exerciam atividades distintas e fixas dentro de cada sexo, fazendo que pouco interagissem.

*Os homens cuidavam da guerra, da caça, da pesca, da liderança tribal e relações externas, da construção das estruturas físicas da aldeia, de certos tipos de arte e ornamentos corporais, dos ritos xamânicos (que incluíam práticas medicinais) e da derrubada das matas para as lavouras, bem como do plantio. Às mulheres cabia a colheita, o preparo de alimentos, a fabricação de utensílios, tecidos e adornos, a preservação do fogo, o cuidado inicial da prole e dos mais velhos. A educação das crianças era compartilhada por todos os habitantes da aldeia, e estimulava-se a autonomia. Certas atividades podiam ser discriminadas por idade. (wikipedia)*

*A família podia ser monogâmica ou poligâmica, com predomínio da poliginia. O casamento não era uma ligação perene nem muito sólida, o divórcio era frequente e fácil. (wikipedia)*

O caso a ser inicialmente estudado será a tipologia tupi-guarani. Quando os portugueses chegaram no Brasil, se depararam no litoral com uma mesma cultura. Eles a generalizaram e a trataram como sendo a única no país. Posteriormente descobriram no interior outras tribos, com outros tipos de arquitetura e cultura. Isso é explicado por uma lenda indígena, a crença no Mirá, paraíso terrestre situado nas terras do sol nascente. Em consequência de movimentos “messiânicos” que aconteciam quando havia aumento populacional, uma parte da população iniciava uma peregrinação rumo ao leste. Não podendo mais caminhar,

ocuparam toda a costa Brasileira mesmo vindo das bacias do alto Paraguai e Uruguai.

Estas aldeias ainda podem ser encontradas na Amazônia e pouco divergem de uma forma comum. Formam 4 construções ortogonais que se ordenam para formar uma grande praça quadrada. Cada uma das casas é chamada de oguassu, maioca ou maloca (casa grande) e é dividida pela estrutura de telhado em espaços quadrados de aproximadamente 6x6 metros com um núcleo unifamiliar. Esse espaço pode ser denominado oca(tupi) ou oga(guarani). Podem chegar a ter 200 m de comprimento, mas é mais comum encontrar de 150 máximo com 12m de largura.(ver FIGURA 30 e 31).

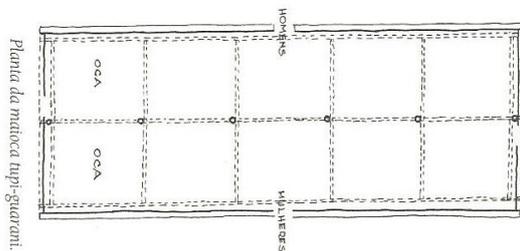


FIGURA 30- Planta baixa da oca Tupi Guarani.

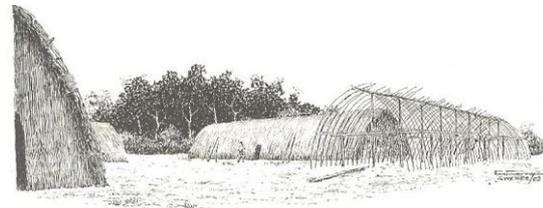


Fig. 37. Uma taba tupi-guarani.

FIGURA 31- Perspectiva da oca Tupi

Guarani.

Eles viviam de forma sedentária e quando a casa envelhecia, era queimada e reconstruída. Em razão disso, a forma de habitar é muito controlada, respeitando-se ainda a vivencia dos outros moradores da casa.

O espaço interno era preferencialmente das mulheres que ali exerciam suas atividades domesticas e no corredor central, junto aos pilares que sustentam a cumeeira, preparavam a comida. Havia três portas, a primeira e segunda ficavam no fim do corredor na extremidade da maloca e a terceira ficava no meio da casa dando para o pátio. Todas eram baixas obrigando as pessoas a se abaixarem por sinal de respeito.

A praça central, formada pelas 4 casas, onde os homens resolviam as atividades do dia: caçar, pescar, abrir uma clareira pra a agricultura. O grande número de casas é uma característica marcante desse grupo. Os xavantes, por exemplo habitavam de 2 a 200 casas.

Outro exemplo importante, são os índios Guaicurus (ver FIGURA 32). Eles moravam pelas campinas pampeanas e desenvolveram uma técnica atual até hoje

chamada de toldos. Como se tratava de uma tribo nômade que se deparava com grandes mudanças climáticas, eles inventaram uma moradia formada por painéis desmontáveis que serviam para descanso ou abrigo contra intempéries.



Fig. 42: Casa de tenhador na periferia de Brasília, em 1964.

*FIGURA 32- Construção de indígena tolde encontrada na periferia de Brasília em 1964.*

Eram 3 paredes e um telhado que sobressaia na face que ficava aberta. Desta forma, cada toldo formava uma espécie de nicho que era habitada pela unidade familiar. A montagem desses toldos em fita permitia a economia de painéis.

Inicialmente esses painéis eram feitos de um requadro de madeira forrado com traçados de palha, mas com a vinda dos portugueses introduziu-se as peles de grandes animais.

### **5.3.1. Contribuições indígenas para a arquitetura popular**

Muitos dos valores indígenas formaram a nação brasileira como o cultivo das frutas da terra e seu respectivo consumo, os banhos diários e as redes de dormir. Outros, por outro lado foram repudiados como a harmônica convivência com a natureza e a preservação do meio ambiente.

Os barracões dos seringueiros demonstram essa influência na arquitetura segundo Gunter weimer em *Arquitetura popular Brasileira*. As casas de “centro”, do interior da floresta, apresentam uma estrutura interessante. Elas dispõem de um amplo avarandado, que se liga pelo corredor á cozinha. O quarto se acessa pela cozinha como única porta sendo utilizadas redes. Toda a construção é feita em palafita com cerca de 60 cm de altura da altura do nível da água. Podia-se ainda usar a varanda totalmente aberta para o uso ao meio dia. Essa técnica foi mantida pelas constantes chuvas tropicais. Hoje no entanto, eles são totalmente fechados por questão de segurança (ver figura 33 e 34)

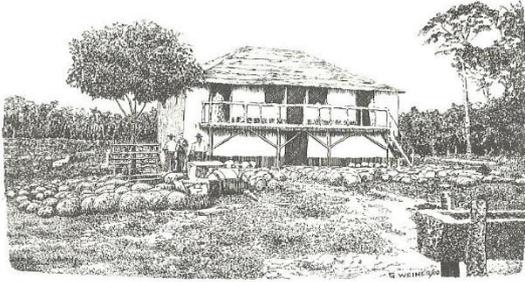


Fig. 45: Barracão do seringal Sibéria na forma em que se encontrava em 1906. Proximidade de Xapuri, Acre.



Fig. 43: O tapiri, a casa do seringueiro amazônico, no interior do Acre.

FIGURA 33 e 34-Um exemplo da casa do seringueiro.

O cultivo de mandioca e bananeira; cultivo de origem asiática, mas absorvido pela cultura indígena; é encontrado hoje nos amazonas. A utilização da tesoura romana na estrutura do telhado e a forma como é feita a vedação da casa mostram o grau de hibridação da estrutura.

Outra construção importante é a casa flutuante que são como as casas de palafita uma evolução dos antigos Tapiris, casas indígenas. As margens do rio São Francisco também encontramos essa influência. Lá encontramos as casas de Buriti.

A estrutura é constituída por três traves paralelas, em que a estrutura central é mais elevada que as laterais. Os suportes laterais terminam em forma de forquilha, onde são encaixadas as peças horizontais (cumeeira e frechal) e são constituídos de troncos fendidos de buriti os quais são amarrados aos caibros que também são de buriti fendido. Neles são amarradas as folhas de buriti de baixo para cima, utilizando a própria nervura da folha como ripa. As paredes são feitas com troncos de buriti ou de carnaúba fendidos ao meio e fincados no chão, a maneira de pau-a-pique (ver figura 35,36,37).

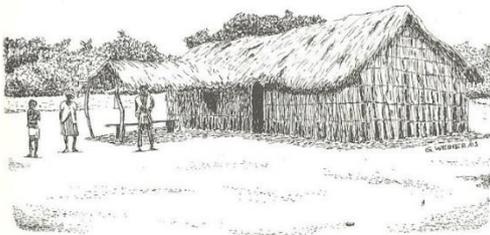


Fig. 46: A casa de buriti das margens do rio São Francisco, em Barra, Bahia.

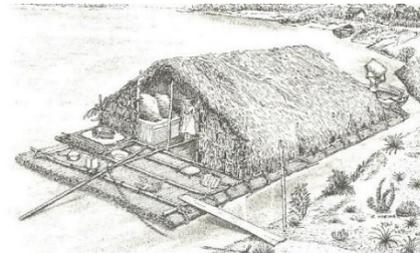


Fig. 47: Balsa de buriti do rio São Francisco.

FIGURA 38-

FIGURA 35-Exemplo de casa de buriti nas margens do Rio Sao Francisco Bahia.

FIGURA 36-Exemplo de casa flutuante de burite nas margens do Rio São Francisco.



Fig. 44: O aspiiri a beira dos rios é estalamente fechada por questão de segurança.  
Casa à beira do rio Xapuri, Acre.

FIGURA 37- Exemplo de casa de palafita encontrado a beira do Rio Xaburi Acre.

O chão de terra batida e a maneira de cozinhar com a panela apoiada em 3 pedras, o modo de fazer o traçado das fibras de caroá e o traçado das esteiras de dormir são influencias indígenas.

Em termos urbanísticos, vemos que a ideia praça- cruzeiro- igreja hoje empregados em todo o país se originou com os jesuítas na catequização indígena. Iniciavam com a colocação do cruzeiro, posteriormente a da capela. Quando os indígenas de contato não adotavam uma praça como centro da aldeia a formação das vilas tomou outras formas. (ver FIGURA 38 e 39)

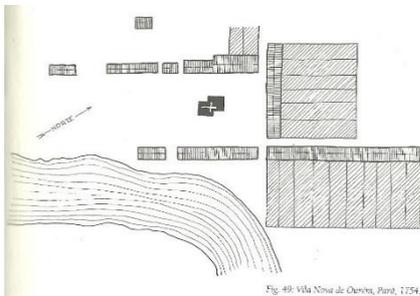


Fig. 49: Vila Nova de Orem, Pará, 1754.

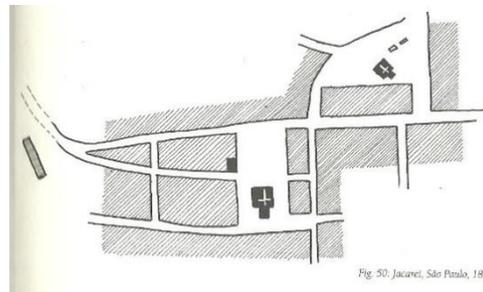


Fig. 50: Jacareí, São Paulo, 1821.

FIGURA 38-Exemplo de vila indígena sem praça central que originou uma cidade, Vila de Nova Orem, Pará.

FIGURA 39-Exemplo de vila indígena com praça central que originou uma cidade, Jacareí, São Paulo.

#### 5.4. Portugueses

O povo português se caracteriza pela sua heterogeneidade de sua formação. Em sua história desde 900 a.C até 1139 quando foi considerado um reino independente foi invadida pelos celtas, galaicos, lusitanos, romanos, povos germânicos, mouros e cristãos. Sua arquitetura reflete essa diversidade. O Brasil foi, então povoado com os portugueses inicialmente e depois com judeus que

queriam fugir da inquisição. Os açorianos vieram para o sul do país para garantir a ocupação do Rio grande do sul. Com o fracasso do acordo com a Espanha e a falta de estrutura portuguesa, eles adaptaram sua arquitetura com a local e ocuparam o território como puderam. No fim, vemos sua influência nas construções jesuíticas do sul do país.

Em termos culturais, Portugal se encontrava em uma cultura machista, capitalista e segregacionista com regime de classes. Essa cultura se refletiu no Brasil. Encontravam-se os senhores de engenho (incluindo-se seus protegidos), classe intermediária (pessoas livres, como religiosos, feitores, capatazes, militares, comerciantes, artesãos e funcionários públicos) e escravos (os indígenas eram tratados como tal). As mulheres não participavam da vida política e tinham poucos direitos. Sua função limitava-se a cuidar da casa e dos filhos.

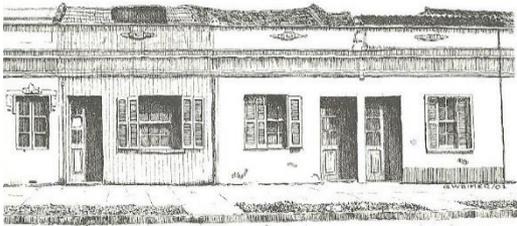


Fig. 64: Casario de porta e janela com beirais substituídos por platibandas por imposição legal por volta de 1870, na rua da Praia, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.



Fig. 63: Casario de porta e janela em Porto Seguro, sul da Bahia.

FIGURA 40 E 41-Desenho das casas porta e janela.

A arquitetura reflete essa ordem social, pois só havia dois tipos de casas: a dos colonizadores e a dos escravos. Existiam mais residências da classe intermediária que viviam em casas denominadas porta e janela (ver figura 40 e 41) e em Portugal casa dos pescadores. Considerou-se erroneamente essa construção repetitiva e cansativa, porém o que não se observou é que o regulamento urbanístico português regularizava as fachadas das residências, mas não seus interiores. Externamente eram muito parecidas, apresentando-se geralmente por lotes pequenos de múltiplos de 1,10 m sendo o menor encontrado de 2,20m. Havia uma porta e uma janela voltadas para a rua e a sala sendo geralmente o primeiro cômodo da casa. Dependendo da largura do lote poderia haver ou não corredor sendo a passagem da sala para a cozinha pela alcova (Ver figura 42). Uma variação importante é a separação da cozinha com o comedor gerando um espaço chamado copa. Na fachada principal da casa, ao lado da sala, poderia ficar o androceu, um lugar reservado aos homens, mais tarde denominado escritório. O

quarto dos fundos correspondia ao escritório, servindo para a despensa ou para o local de trabalho feminino.

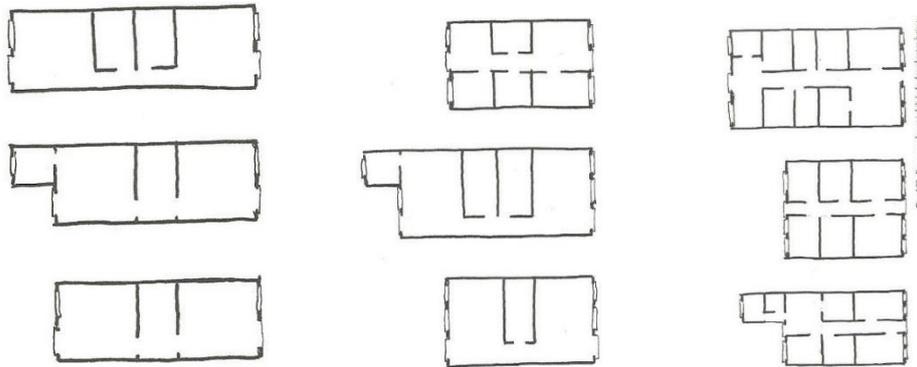


FIGURA 42- Planta baixa da casa porta e janela e seu desenvolvimento.

Quase sempre colocava-se a porta a esquerda e a janela a direita, no caso de duas casas simétricas por reflexão, as portas ficavam no meio (ver figura 43). Quando havia a possibilidade de se colocar duas janelas, a casa chamava-se “casa de meia morada”. Geralmente seguiam a regra de simetria e reflexão e nesses casos as portas ficavam no centro, mas sempre voltavam-se para o corredor da casa. Nos casos explicados acima era muito comum aplicar o mesmo tratamento plástico para duas casas diferentes para dar a noção de monumentalidade. Outra opção existente era a “casa de três quartos de morada”, aquelas que apresentavam 3 janelas. A que estava mais distante representava o androceu. As moradias de maiores dimensões seguiam a mesma lógica, mas não serão trabalhadas por não se enquadrarem na arquitetura popular.



Fig. 114: Casarão na esquina da rua Comendador Freitas com a travessa Tiradentes, Piratini, Rio Grande do Sul.

Figura 43-Desenho das casas porta e janela.

Um fator importante a tratar são os sobrados, pois as casas térreas sempre foram relacionadas a pobreza. Com a atenuação da diferença entre nobre e plebeus, todos almejavam morar em um sobrado. Voltemos a lembrar nesse momento da arquitetura açoriana, pois ela representa bem esse pensamento. A vida naquele povoado era dura para todos, pois havia pouca oferta de comida. Isso não impedia a vontade de morar em um sobrado ou fazer parecer que se mora em um. Pela

mesma razão o colonizador preferiu morar em um sobrado no Brasil. Existia, então, os “pseudos sobrados” que eram casas térreas no qual o sótão era habitado.

*“Pseudos sobrados eram legítimas casas térreas nas quais o sótão era habitado, fazendo com que o telhado recebesse uma ou mais janelas de água furada ou, explicitamente, um andar superior recuado, quase sempre de ambas as divisões laterais, mesmo que daí resultasse um compartimento, por vezes de dimensões mínimas. Podia ser separado plasticamente no corpo da casa por meio do beiral ou a ele integrado.” (WEIMER.p 209) (ver figura 44 e 45)*

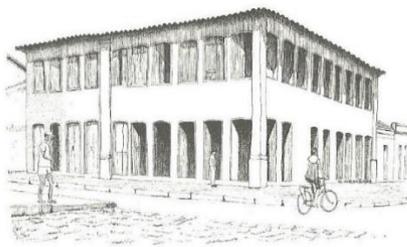


Fig. 119: Conjunto de sobrados, Laranjeiras, Sergipe.



Fig. 118: Solar neocolonial Ferreira Tardy, Macaíba, Rio Grande do Norte.

FIGURA 44-Desenho das casas porta e janela com mesmo tratamento de fachada.

FIGURA 45-Residencia com o forro habitável.

Outro método era utilizado para dar imponência nos sobrados, bastava-se usar a mesma fachada em dois pequenos anexos a um de maiores dimensões dando a impressão formal de um único grande casarão. (ver figura 46)

Quando pensamos na planta, ela segue a mesma lógica das casas térreas podendo ter arranjos distintos internamente se respeitadas urbanísticas medievais portuguesas.

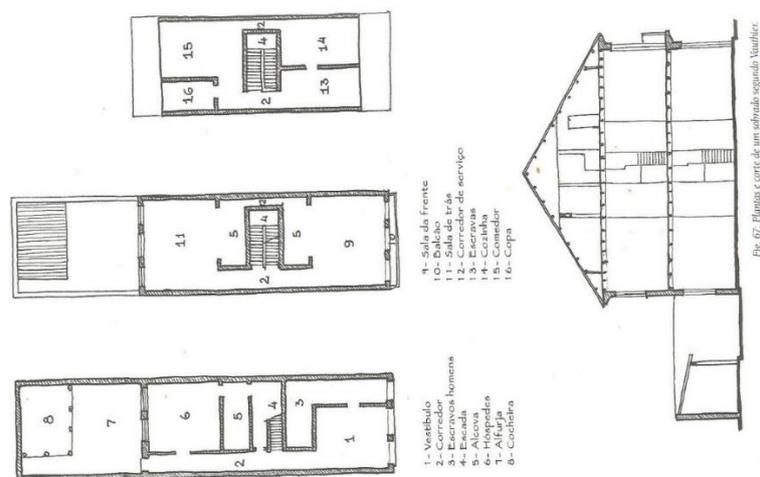


FIGURA 46-Planta baixa e corte de um sobrado segundo Vauthier.

## 5.5.Negros

Estudar a população da África é uma tarefa complicada, por se tratar de uma civilização muito antiga com grande diversidade cultural de ramificações tribais regionais. A grande extensão territorial e o grande número de habitantes por área tornam o trabalho mais complexo.

Para o Brasil, entender essa referência se torna ainda mais difícil, pois eles vieram inicialmente com a escravidão, ou seja, houve mistura de vários grupos étnicos para diminuir o risco de rebelião. Os registros eram também precários, a cultura, no entanto, permaneceu.

*Traços fortes da cultura africana podem ser encontrados hoje em variados aspectos da cultura brasileira, como a música popular, a religião, a culinária, o folclore e as festividades populares. Os estados do Maranhão, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul foram os mais influenciados pela cultura de origem africana, tanto pela quantidade de escravos recebidos durante a época do tráfico como pela migração interna dos escravos após o fim do ciclo da cana-de-açúcar na região Nordeste. (wikipedia)*

Na religião, temos o candomblé, nos esportes, a capoeira.No Nordeste a marca africana é profunda, sobretudo na Bahia, em pratos como vatapá, caruru, efó, acarajé e bobó, com largo uso de azeite-de-dendê, leite de coco e pimenta. São ainda dessa região a carne-de-sol, o feijão-de-corda, o arroz-de-cuxá, as frigideiras de peixe e a carne-seca com abóbora, sempre acompanhados de muita farinha de mandioca. A feijoada carioca, de origem negra, é o mais tipicamente brasileiro dos pratos.

### 5.5.1 As Contribuições dos negros

Quando pensamos na arquitetura e sua influência, é importante saber quais grupos aportaram no Brasil. Em números estima-se que eles vieram principalmente da Angola, Guiné e a contra costa, Moçambique. Como se trata de um grupo que se enquadra na cultura Banda, serão tratados como um só grande grupo.



FIGURA 47-Exemplo de cubatas construídas no quilombo Cuanhama, sudeste de Angola.

As cubatas são a forma mais simples e antiga da cultura banda. Elas são casas de planta semicircular cuja a coberta pode ter muitas variações. A maneira mais corriqueira de produzi-la é fincar varas flexíveis no solo em círculo e vergâ-las em semicircunferência amarrando as varas opostas entre si. Depois faz-se uma segunda camada e cobre-se com folhas. Essa construção é vista em vários grupos, mas, nos grupos nômades, ela é de utilização transitória e de construção pouco requintada. Existem, também, construções permanentes que são do tipo de semiesfera, apoiando-se diretamente no chão, ou de cones, apoiam-se em pilares fixados no solo. Outra variação é possível, pode existir um pilar central que sustenta a estrutura. De modo geral, pode-se dizer que as cubatas redondas com cobertura cônica eram as mais comuns. Aquele exemplo é facilmente encontrado as praias do litoral nordestino. (Ver imagem 47 e 48)

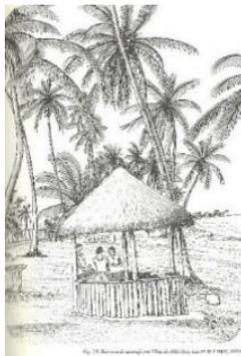


FIGURA 48-Exemplo de cubatas redondas construídas no nordeste.

De modo geral, as paredes das casas não eram maiores que um metro e meio. Nos climas quentes e secos a regra era construir as paredes de pau a pique sem nenhuma vedação ou fresta pouco salientes. Os tipos de vedação eram a de palha ou taipa a mão. As janelas eram quase sempre ausentes e, quando existiam, eram muito pequenas. Não havia vedação para a porta, sendo ela de uso preferencial

masculino, que dava acesso à rua, e a do fundo de uso preferencial feminino, que dava acesso ao pátio, local de trabalho feminino.

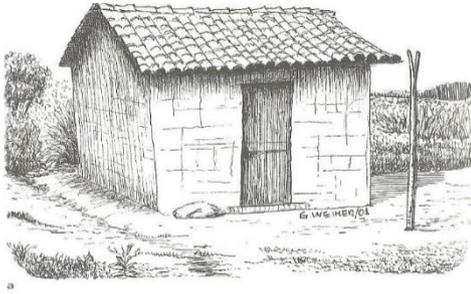


FIGURA 49-Exemplo de cubatas retangulares com 2 águas.

Hoje, em Angola, encontra-se preferencialmente cubatas com plantas retangulares e com cobertura de palha com duas ou quatro águas(ver FIGURA 49) . Na África elas se encontram em três lugares: na costa nordeste e no alto Zambaze, em Angola e no norte de Moçambique. Um grupo importante com essa arquitetura são os quibundos que vivem mais ao sul ao longo do litoral. As casas se encontram um pouco elevadas sobre platibandas. Existem alpendre nos fundos como área de trabalho feminina. Também existem casas com pátios ou quintais que funcionam como extensão da casa por múltiplas atividades serem executadas lá como a da cozinha ao ar livre por exemplo. Em um dos cantos mais afastados está a fossa negra, latrina com as instalações de banho que são cercadas.

As cubatas são baixas e sem janelas e são divididas usualmente em 3 compartimentos com sala na frente, quarto no meio e comedor no fundo. O piso é de terra batida. A porta era sempre na esquerda, podendo haver uma ou duas pequenas janelas simétricas. Havia carpinteiros especializados em moradias pré-fabricadas que depois evoluíram para moradias desmontáveis quando ainda eram nômades.



Fig. 78: Aldeia Ganviê, na laguna Noque, Benim.

FIGURA 50-Exemplo de palafitas da aldeia Ganviê, na nlaguna Noque, Benim.

Outro grupo interessante são os Adjás, Sudaneses subgrupo dos eves. Eles vivem sob palafita e não possuem ligação direta com a terra, por isso as ligações são feitas com canoas. Os barrotes ultrapassam o nível da água em 3 metros ou 4. As plataformas são feitas com fibras de palmeira e barrotes cuja altura fica geralmente a 1,5 acima da laguna que sustentam as paredes e o telhado de duas águas. O piso é feito de bambu que rachado também é feito para as paredes que são pintadas de cores primárias. A cobertura é feita de folhas de palmeira, também utilizada para fechar empenas e confeccionar as paredes. Nelas há duas ou mais salas que tem ligação com a plataforma exterior. Esta tem um revestimento de terra, e nela se passa a maior parte do dia com realização de trabalhos ou atividades sociais. (Ver figura 50)

No Brasil, observa-se essa influência com a sanzala, forma de aldeias composta por casas germinadas de um compartimento dispostas ao longo de uma rua que era comum no norte da Angola. Aqui houve pequenas mudanças como o aumento do pé direito para impedir enforcamentos.



Fig. 130: Mocambo na periferia de Beira.

FIGURA 51- Exemplo de casa com pequena janela de treliça ao costume da África.

São comuns também as casas de um só compartimento com a porta dos homens e das mulheres. O pouco emprego de janelas é explicado por se tratar de um costume colonizador assimilado, então ou são pequenas ou são com tampos de madeira diferenciando-se da palha traçada usada na África (ver figura 51)

Falando agora em tipologias, a mais comum era a de um só cômodo com cozinha ao ar livre. Quanto maior o número de divisões internas, mais complexa é a casa. Na frente destinava-se a dormitório e sala e fundos cozinha e comedor. (Ver figura 52)

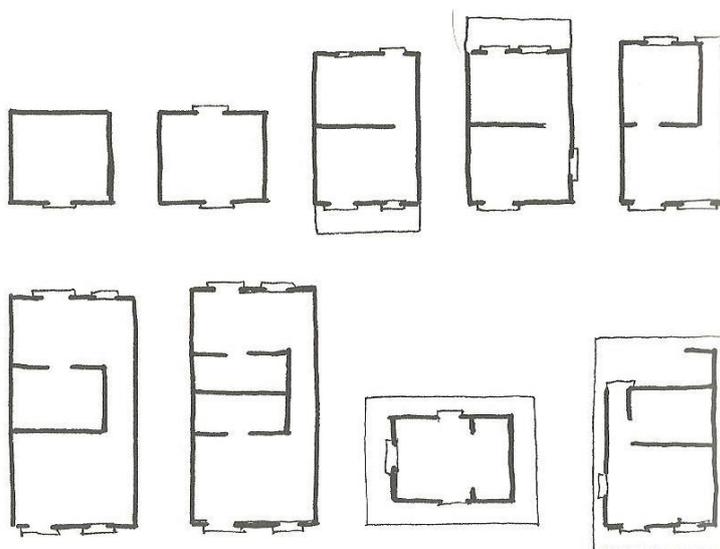


Fig. 128: Esquema da variabilidade das plantas baixas das casas dos imigrantes negros.

FIGURA 52- Esquema com as tipologias e suas variações existentes.

Espaço traseiro se convertia em dormitório. As outras variações serão mostradas nas imagens abaixo. (Fazer referência). É importante citar que as formas estão sujeitas a diversas modificações da forma do telhado:

*...beirais estreitos indicam origem de áreas secas; beirados estreitos nas empenas e largos nos frontões são características da civilização quimbundo; beirados largos em toda a periferia direcionam para a origem da costa do golfo da guiné, pela incidência das chuvas torrenciais. (WEIMER, pag 224)*

A utilização de espaço privado antes da casa remete à origem do proprietário e o uso distinto como quintal ou pátio caracteriza origens tribais diferentes como na sua organização espacial.

Houve uma mudança em sua arquitetura quando imigraram para o Brasil, mas ela se encontra em todo o país caracterizada como arquitetura nacional seja a casa rica ou pobre. Perceber e valorizar essa cultura é um passo para entender nossas origens e nosso futuro.

## 5.6.Regionalismo

Segundo a Wikipédia, arquitetura vernacular refere-se a todo o tipo de arquitetura em que se empregam materiais e recursos do próprio ambiente no qual a edificação é construída. Desse modo, ela apresenta caráter local ou regional. Segundo esse conceito, então, uma boa arquitetura é regional, pois leva em

consideração o sítio, os materiais utilizados, a mão de obra e o clima. Não se faz somente uma arquitetura vernacular, mas toda boa arquitetura tem influências da arquitetura regional. O que se propõe nesse trabalho é estudar as técnicas aprimoradas durante os séculos e atualiza-las para uma moradia padrão de apartamentos, mostrando assim que ela não é uma construção de gente humilde, mas sim uma construção inteligente e adequada a sua região e a seu clima.

Algumas características são comuns a esse tipo de construção. Primeiro, ela é simples e resultado de uso de materiais abundantes no ambiente. Ela deve ter vinculação com a natureza graças as limitações econômicas. Pode-se cometer o erro de se classificar como uma casa ecológica, porém se afasta dessas características se há aumento de recursos econômicos. O último fator em comum é a adaptabilidade. Um exemplo se caracteriza pelas migrações, a japonesa ao Brasil é uma delas. Seu estilo construtivo foi adaptado e sua modularidade encontra-se presente até hoje no interior de São Paulo. Uma dessas moradias foi doada pelos familiares ao governo japonês para ser mostrada em um museu da imigração japonesa.

Isso não quer dizer que não sabiam técnicas mais avançadas, porém muitas vezes elas eram utilizadas em sua maioria em lugares sagrados, em edifícios pontuais que tinham importância social, religiosa ou política para todo o grupo. As moradias, por muitas vezes se tratarem de uma vida migratória, eram utilizadas para sua construção técnicas mais simples e de fácil manutenção. Inicialmente não havia especialização do trabalho e essas construções chamamos de primitivas. As que denominamos vernaculares, elas tinham um número de técnicas maior e maiores opções a se escolher, mas ainda eram restritas em número. Isso acontece porque muitas vezes o código de ética e moral, a cultura e a religião eliminavam grande número de opções por não se adequar aos costumes.

Outra diferenciação aparece e é importante, pois define o motivo da não escolha de edifícios públicos símbolos de poder neste trabalho. Isso se explica pelo interesse pela arquitetura popular e não erudita. Esta utiliza os materiais utilizados pela recente conquista tecnológica, sejam eles caros ou de origem estrangeira. A forma de sua construção determina os materiais a serem utilizados. O contrário ocorre na arquitetura vernacular, pois nesta a forma é definida pelos materiais

empregados e as técnicas utilizadas são resultado de uma evolução multissecular e de profundo respeito às tradições culturais do grupo.

Outro erro é confundir arquitetura popular com miséria. Essa afirmação esconde séculos de evolução arquitetônica e sabedoria popular que sobrevivi hoje pela importância que ainda tem para a sociedade.

Características gerais da Arquitetura vernacular:

- Simples
- Adaptabilidade
- Ligação com a natureza graças a sua limitação econômica.
- Não é ecológica.
- Utilização de técnicas não necessariamente avançadas por escolha.
- Não representa a construção da miséria.

### 5.7.Diferentes visões de mundo: Oriente e ocidente.

O Oriente e ocidente pensam e veem o mundo de modos distintos e para entender a origem dessa diferença é necessário pensar como se percebe o espaço e como ocorre a interação entre os objetos. Para esse estudo, será utilizado Oriente como Japão, Coreia e China e Ocidente como Estados Unidos, Canadá, Inglaterra.

Para os ocidentais, dois objetos separados não têm nenhum efeito um sobre o outro e são separados pelo vazio (ver figura 53). Para entender o objeto e suas características é necessário entender somente os objetos. Um exemplo disso são as ideias de Aristóteles. Ele dizia que as propriedades dos objetos dependiam das propriedades de seus átomos.



*FIGURA 53-Mostra a relação distinta entre o ponto do modo de perceber os objetos. O primeiro representa a visão do ocidente representando a independência dos corpos e a segunda do oriente mostrando o ki presente em todos os corpos.*

Os átomos de água são lisos e redondos, então a água flui. A causa dos movimentos dos átomos era sua propriedade e peso. A pedra afundava por apresentar a propriedade da gravidade e a madeira flutua por seus átomos terem a

característica da leveza. Hoje, sabe-se que este pensamento não é verdadeiro, mas ilustra bem como o ocidente percebe a relação entre os objetos.

Para os orientais, dois objetos separados são envolvidos e originados pelo Ki (ver figura 54). Para entender um objeto, é necessário perceber sua relação com o ambiente, pois ela e o movimento constante do Ki são responsáveis pelo estado atual do objeto. Eles entendiam do conceito de ação a distância há 2500 anos e por isso já entendiam as ideias básicas da força gravitacional, do efeito dos mares, princípio básico da acústica e do magnetismo. Esse conceito está presente na linguagem, na religião, no modo de pensar. A linguagem é um bom modo de exemplificar essa influência. Os ocidentais, como se direcionada aos objetos individuais, sua gramática está focada nos substantivos. O inglês segundo um estudo de Harvard, é a língua com um maior número de substantivos do planeta. A diferença entre o singular e o plural com a distinção do objeto são características ocidentais.



FIGURA 54-Representação da influência do ki entre os corpos.

Para o oriental, a inteiração é mais importante, então, eles caracterizam o objeto com substancia, ou seja, não existe a ideia de individualidade e de totalidade, o todo e a parte são o mesmo para a substancia. Um exemplo disso é a argila, seja uma parte ou o todo, ainda denomina-se argila.

É importante pensar como essa diferença reflete na percepção espacial das pessoas. A visão total é muito importante, então, quando vêm uma imagem, o fundo tem mais destaque para os orientais. No ocidente, o oposto ocorre. A imagem central tem peso maior e sendo o fundo ignorado. Um exemplo disso foi o experimento feito por um documentário feito pela EBS chamado Oriente e Ocidente. Foram dadas duas imagens. A primeira continha a figura 55, um garoto feliz no centro e no fundo pessoas rindo. Na segunda figura 56, continha um garoto rindo no centro e no fundo pessoas tristes.



FIGURA 55 e 56- Imagens utilizadas no documentário.

Foi feita a pergunta se o garoto estava feliz mostrando as duas imagens. No ocidente, a resposta foi que sim nos dois casos, já no oriente, foi respondido que não. Para os orientais, não era possível o garoto estar feliz se o entorno estava infeliz, ou seja, para eles, o contexto é fundamental para se entender os objetos, as suas características vêm da inteiração entre eles. Os ocidentais não dão tanta relevância para o contexto e se focam no objeto central, por isso o garoto estava feliz nos dois casos.

Esse pensamento reflete um dos maiores erros da psicologia ocidental: a generalização. Quando uma pessoa é gentil no ocidente, ela é gentil, mas para o oriente ela está gentil, pois analisando o contexto da situação perante o grupo ela é gentil. No primeiro caso, a característica de personalidade é intrínseca da pessoa e no segundo é o reflexo da relação com os outros.



Figura 57 -Perspectiva desenvolvida pelo ocidente. Na pintura de Joseth Mallord de 1801.



Figura 58 -Exemplo da retorperspectiva em um quadro tradicional oriental.

Outro diferencial entre as duas culturas, é a perspectiva. No ocidente, há a perspectiva em primeira pessoa, estática, na qual o importante é a sua visão de mundo, a perspectiva interior. Pensando na visão da psicologia, pode-se dizer que descrevem-se as coisas de acordo com o se sente e se desejam.

Acreditando que os outros sentem o que você sente e pensar que os outros pensam como você, projeção egocêntrica. As pinturas do século dezoito são um excelente

exemplo. O pintor visitava um local e pintava o que via com aquele ângulo desejado. (Ver figura 57). No oriente, há a retroperspectiva (ver figura 58) e a perspectiva de terceira pessoa. Ver como os outros pensam e falam e se tornar um com o todo e ser uma das redes de indra (ver figura 59), e não um ser individual único, ou seja, ver o mundo pelos olhos dos outros. É por esse motivo que as perspectivas são visualmente opostas. Na pintura oriental, o pintor vê a paisagem, vai para casa, coloca o bambu na sua mente e depois pinta o objeto com a mente limpa, virar uma só ser com os objetos. Os ocidentais querem ver, entender, os objetos pela visão e os orientais querem ser um com os objetos. Por essa razão, a distinção entre frente e traz é importante, porém a de esquerda e direita são indiferentes, pois o observador e o observado são o mesmo.



FIGURA 59-Representação da Rede de Indra.

## 5.8.Introdução ao Feng Shui

Quando se ouve nessa prática, pensa-se ser algo místico e desacreditando sua eficiência. Na verdade, o que poucos sabem é que esse estudo foi gerado a partir de 5 mil anos de observação da natureza na qual se buscava um equilíbrio. Acreditava-se que se houvesse harmonia, muitos problemas seriam evitados. Foi-se criado normas para facilitar o plantio, a localização de cidades, moradias e plantações. Evitava-se por exemplo implantar uma residência muito próxima a um rio, pois poderia haver inundação.

É necessário lembrar que para os Chineses somos cercados por energia e a inteiração dos corpos é fundamental. Toda a teoria de Feng shui ou Tian Li se baseia nesse *conhecimento*. *Buscaram classificar essa energia para entender com se harmonizar com* ela. Dessa classificação veio o yin e yang; céu, homem e terra; e os cinco elementos (madeira, água, terra, metal e fogo) que não serão trabalhados, pois não se trata do foco do trabalho.

Alguns conselhos foram dados para melhor se escolher o terreno no qual se vai edificar. Inicialmente pensa-se na urbanização ao redor. Acredita-se que prosperidade atrai prosperidade, então é necessário observar a rua, as construções, pois boas energia atraem boas energias. Um exemplo disso é muito visto, não e escolhe uma residência muito próxima a uma favela por medo da insegurança e de um possível assalto no futuro. Se localizar corretamente poupará por exemplo menos tempo para chegar no trabalho e consecutivamente menos stress. O mesmo princípio se aplica ao caminho de ida e volta. Se pegarmos uma rua movimentada com transito, barulho, depredações, chega-se em casa, mais estressado e cansado. Se por outro lado o percurso tiver menos tráfego, for mais organizado, o percurso parece menor e as doenças provocadas pelo aumento de stress estarão presentes com menos frequência e gravidade. Esse é o pensamento que deve ser feito quando se vai escolher um terreno, pois ele definirá grande parte do seu dia a dia por alguns anos.

Estudar o histórico da construção é também importante, pois locais que tiveram algum uso com muita energia negativa como hospital, cemitério, lixões passam essa energia para seu novo proprietário. Recomenda-se evitar esses lugares.

Se ainda for escolhida uma montanha para a edificação, deve-se dar preferencias as encostas suaves, de declive pouco acentuado, com vegetação verde e fértil, que indicam respiração harmoniosa. Lados sul e oeste devem ser evitados pois estão submetidos ao vento sudoeste desordenado, e à luz solar recessiva do poente. As encostas norte e leste, ao contrário, proporcionam a luz expansiva do sol nascente e a brisa suave do vento nordeste. A proximidade a um rio é muito bem-vinda, mas é importante manter um afastamento mínimo de suas margens.

O Tian li também aconselha segundo a escolha do apartamento que deve se situar num andar intermediário, o mais central possível. Andares muito altos trazem amplitude visual e espacial, mas os ventos circulam com violência descontrolada, gerando dispersão das energias favoráveis, a circulação interna é prejudicada.

Algumas formas de terreno, segundo o feng Shui, são mais adequadas para se construir em um lote quadrado, em meia lua, retangular ou circular. Recomenda-se construir no meio do terreno para manter o equilíbrio. Por outro lado, lotes com formas irregulares podem gerar problemas emocionais e físicos segundo o feng

shui, sendo necessário fazer correções no terreno. Lotes em L, U, T trapezoidais e triangulares são terrenos a serem evitados.

Quando pensamos no ambiente interno a mesma lógica é usada só que agora alguns elementos se tornam importantes como as portas e janelas.

Segundo Silvana Helena Occhialinini em seu livro Feng shui- o poder atrai a prosperidade, tomando-se a edificação como um organismo vivo, que se manifesta mediante a interação de um conjunto de elementos vitais ao bom desempenho do todo, as portas são, no conjunto conceitual do Feng Shui, as bocas e os narizes do organismo e, as janelas, os olhos e os ouvidos. Isso significa que portas estão intimamente associadas às funções respiratória e olfativa, enquanto as janelas se associam às funções visuais e auditivas, no sistema geral.

Algumas atitudes como não colocar a porta de entrada abrindo para outra porta, não geram um tufão de vento que faça o vento sair da casa antes de renovar o ar interno. Recomenda-se também que ela esteja na parede maior para não dar a sensação de estreitamento e sim de alargamento. Ter proporcionalidade da largura da porta de entrada com a edificação também é importante.

Vigas, colunas e pilares são para eles atarem má energia se estiverem voltadas para camas ou locais de longa e média estadia, então corretivos são necessários se não for possível mover o mobiliário.

Algumas medidas são fundamentais para se iniciar a mudar um ambiente como fazer a limpeza do imóvel e repinta-lo raspando a pintura anterior para renovar energicamente o ambiente, redecorar o ambiente mostrará uma busca para melhorar sua vida, seguindo a reforma externa, ter a interna para mudar atitudes que prejudicam sua vida. Sem o último passo, não fará sentidos os dois iniciais, pois os problemas voltarão. Guardar itens e objetos sem uso não é recomendado, rever o que é as prioridades no material e no espiritual é de fato a verdadeira mudança.

Crítérios mais específicos de cada cômodo serão descritos no projeto de forma mais direta como recomendações a serem seguidas, mas nunca regras inflexíveis.

## 5.9.Arquitetura Japonesa

Inicialmente é importante falar como é feita a transição entre o exterior e interior. Para os árabes, há uma clara distinção por causa das paredes e nada é conhecido de dentro da casa, no entanto o mesmo não é visto na casa tradicional japonesa. Essa divisão não é clara, mas sim definida dentro da casa e pelos materiais empregados utilizando mecanismos como a varanda, a entrada, proteções de bamboo chamadas de “shoji”(ver imagem 000. Um espaço intermediário é criado de modo que não somente a cerca do lote é utilizada como divisória, mas também o perímetro da construção. Eles também tentam proteger certa privacidade criando uma ambiguidade de comportamento. Essa divisão é definida principalmente se usa-se sapatos ou não (ver figura 61, 62e 63).



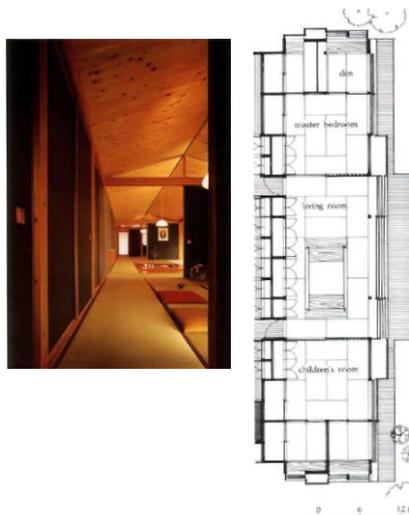
FIGURA 60- Uso de Shoji para proteger a privacidade da residência.

FIGURA 61- Diferenciação dos materiais do piso para sinalizar a entrada no privado.

FIGURA 62- Diferenciação dos materiais do piso para sinalizar a entrada no privado.

Variedade de barreiras existentes não impede essa comunicação, pois são finas e transparentes. A privacidade é preservada não fisicamente, mas pela distância, ou seja o quarto mais longe da entrada. (ver figura 63)

FIGURA 63 e 64- Exemplo de distribuição espacial e integração do espaço.



As áreas são divididas por portas móveis podendo mudar de uso e caráter formando até um único lugar (ver figura 63 e 64). Isso demonstra que a habitação japonesa sempre buscou ser compacta e flexível. Essa característica vem da necessidade de reduzir. Segundo Mitsukuni(1982), a flexibilidade, o gosto pelos símbolos, tamanho reduzido - são qualidades que acompanham a tendência para a compactação na cultura japonesa. Estas qualidades desenvolveram-se e foram-se aperfeiçoando no Japão devido à necessidade de utilizar um espaço limitado, embora estas qualidades também caracterizem as preferências estéticas da população. Como o espaço é tão precioso, este recebe uma grande atenção em todos os aspectos da vida. Ao longo dos séculos os japoneses têm vindo a criar inúmeras formas de otimizar o espaço, de uma forma engenhosa numa combinação bem sucedida de pragmatismo, harmonia e beleza. O dobrar, o empilhar, enrolar, encaixar, transportar, consolidar, miniaturizar e transformar são algumas das técnicas, que levaram à designação de Compact Culture.

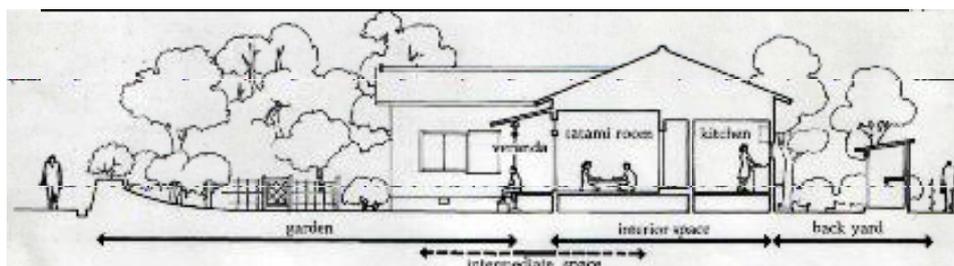


FIGURA 65-A continuidade espacial japonesa.

Os armários são nas paredes, os cômodos são definidos pelo seu uso podendo ser um quarto ou a sala dependendo do mobiliário (ver figura 66). A cama pode subir e virar estante. Estas variações apresentam o modo distinto de como veem o espaço. As portas de correr dão dinamismo na residência permitindo usos diversos (ver figura 64). Esses elementos se tornam fundamentais para manter a continuidade do espaço, o mais valioso perceber que com a mobilidade espacial, reuso do espaço, uma das características mais importantes aparece que é a conexão com a natureza. Ela é um com a residência, fazendo parte de todos os cômodos e buscando-se vê-la por todo cômodo da casa. A organização espacial é feita de modo que exista privacidade, porém a visita tenha visão do jardim por exemplo. (ver figura 66)



FIGURA 66- Exemplo de uso distinto do espaço pela disposição de mobiliário.



FIGURA 67- Uso distinto dos painéis de shoji.

FIGURA 68- Visão da entrada da natureza através dos shoji.

### 5.9.2. Casa Minka, casa tradicional japonesa.

A casa tradicional japonesa, minka, tem uma métrica diferenciada, pois usam o tatami com referência desde 1467 após o grande incêndio de Tóquio. Ele representa  $\frac{1}{2}$  ken de largura e comprimento 1 ken (1 ken igual á 1,818m). Nas imagem abaixo isso é visto claramente. (ver figura 69)

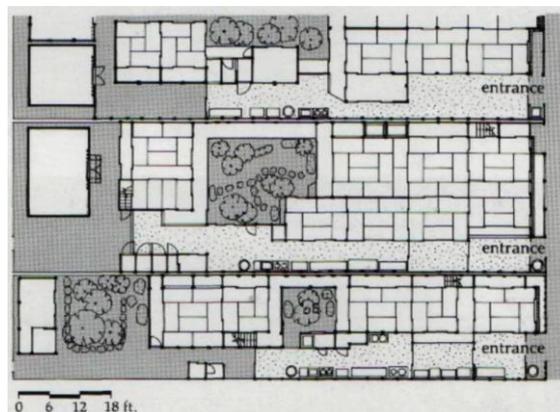


FIGURA 69- Um exemplo de casa da cidade (machiya) de Kyoto utilizado toda a área em um plano para 3 casas.

Agora pensemos como essa residência era organizada. A primeira parte se caracteriza pela parte de trabalho representando uma área coberta com característica de exterior como o piso de terra, mas coberta como a área interna. Esse espaço se caracteriza pela preparação dos alimentos pra conserva.

A segunda área se caracterizava por ser um espaço interno destinado ao trabalho podendo ser construído de palha ou tábuas de madeira. Possuía um rebaixo que providenciava luz, calor e fogo para cozinhar. Neste espaço da casa se realizava as refeições (“irori”) (ver figura 70)

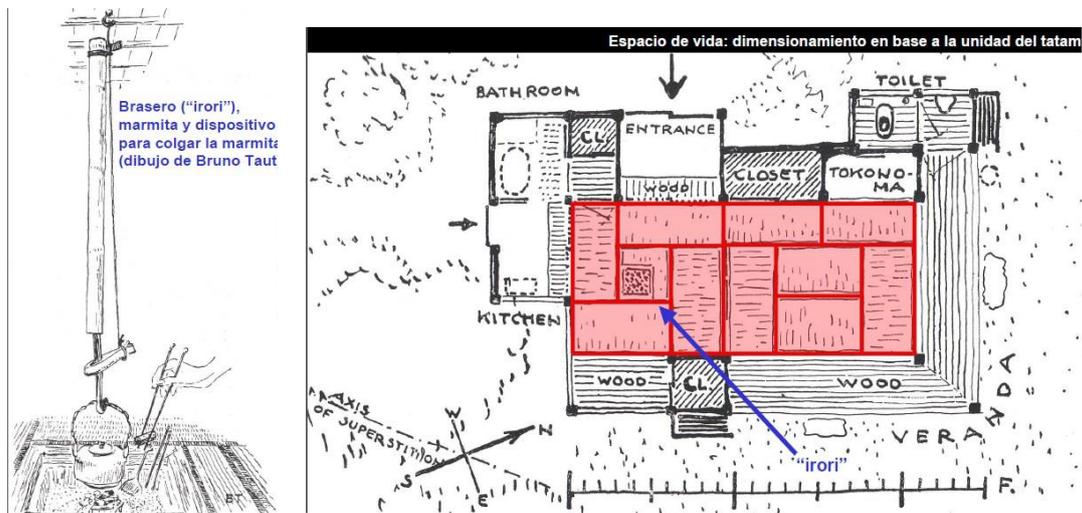


FIGURA 70-Um exemplo do irori da casa de Bruno Taut em sua estadia no Japão.

Uma terceira área poderia existir que era a área de dormir. Ao contrário que ocidentais acreditavam não era um espaço somente para se colocar os futons, colchoes para dormir. Ela era preparada para servir como quarto do senhor e senhora da casa e era separado do resto da casa, sem janelas, sem ventilação e pintado de preto por dentro. Inicialmente, era cercado por paredes e uma porta de correr. Em casas pequenas, se percebia a mudança para a área interna pelo nível do piso.

Algumas mudanças ocorreram a partir dos anos, pois algumas leis foram implementadas para diferenciar o status da família pela sua moradia. Foi diferenciado a área de trabalho da sala tanto verticalmente com horizontalmente na forma de novos tratamentos no piso e paredes. Três mudanças ocorreram na era moderna. Os pisos se tornaram mais altos pela adição de materiais de palha, hoje conhecido como tatami. Foi criado um espaço intermediário entre a sala de estar e o espaço de dormir era o Kyakuma, espaço formal. O piso foi elevado,

criando uma alcova para guardar objetos e não para uso humano. Outra mudança marcante foi a proibição de criação de animais para fazendeiros comuns que antes mantinham seus animais no sótão abaixo da coberta. Construções em formato de L e T foram proibidas em 1754. As leis modificaram muito a tipologia residencial levando hoje o que consideramos de sua tipologia tradicional.

Podia-se verificar a qualidade da construção pelo tipo de fundação empregado. Os mais ricos utilizavam madeira reta sobre a pedra, já os mais pobres utilizavam o piso diretamente sobre o solo. Estas casas tinham pouca durabilidade e eram menores que a de pessoas com posses. É bom afirmar que nem todas as casas mais humildes tinham piso amadeirado, porém as de classe média possuíam.

Com essa informação, pode-se classificar os 3 tipos de habitações. A primeira, a mais simples, era pequena, fria, úmida e impermeável construída com fundação sobre o solo. A segunda, era mais durável feita com fundação de pedra. Algumas destas tinham piso em madeira que protegiam os ocupantes dos insetos e vermes fazendo a sala de estar e área de dormir mais quentes e secas. O último tipo se caracteriza por casas maiores seriam 10% do total das residenciais e todas tinham a melhor fundação. Estima-se que 70% das casas tinham a sujeira no lugar da madeira e eram provavelmente frias, escuras, maciças e escuras. Uma informação curiosa foi que as residenciais urbanas se tornaram mais complexas e as rurais regionais mais simples. A estrutura familiar foi diminuindo até restar somente os pais, os avós e os filhos.

A tipologia hoje conhecida se caracteriza por pela entrada, a área de visita, a área íntima e o altar que se localizava no quarto principal. Ele é um importante indicador, porque somente pessoas comuns e comerciantes a tinham. As famílias mais ricas faziam suas orações em templos familiares. As áreas como banheiro e cozinhas eram laterais e a presença ou ausência de varandas era opcional se era desejado um espaço de transição ou se o contato direto com a natureza era o mais importante.

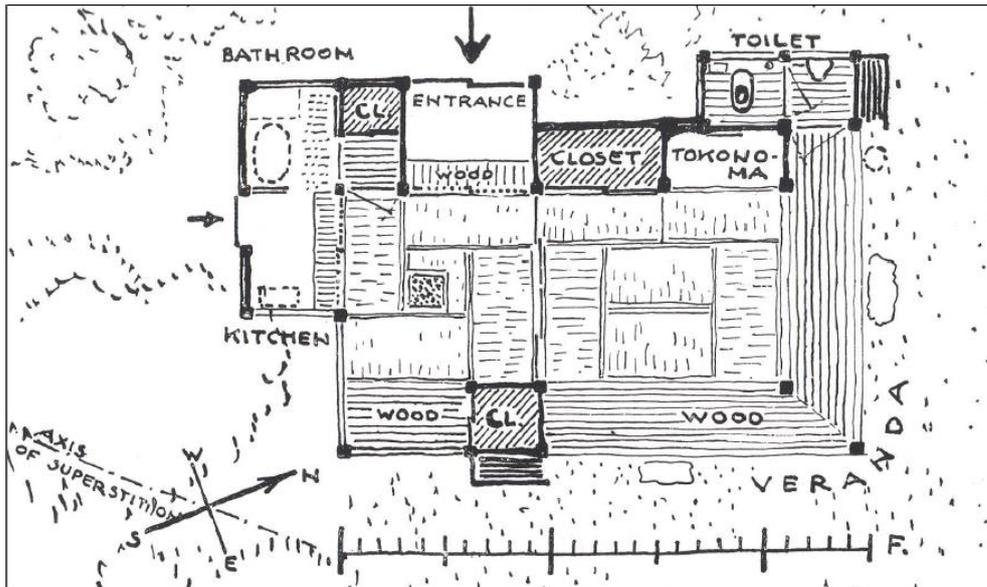


FIGURA 71- Senshintei: "Pureza de corazón", la casa donde vivirán Bruno Tauty su mujer durante el tiempo de su estancia en el Japón (1933-1936).

Hoje essa tipologia de casa tradicional japonesa vem de um longo processo no qual servos, empregados e familiares construíram a tipologia hoje conhecida. As maiores mudanças foram as fortes barreiras, novos espaços criados a partir de um novo tipo de piso. A distinção entre interior e exterior se tornou mais elaborada e tenue. A incorporação de elementos da cultura da elite como as portas de correr com papel, shoji, e tokonoma, de um recanto principal da sala-quarto de uma casa japonesa, adornado de Ikebana e pintura e o uso do tatame. As pessoas adquiriram seus próprios ancestrais. Tudo isso aconteceu pelo desenvolvimento econômico no sec 17.

### 5.9.2.A questão do habitar em Fortaleza.

A casa é produto humano e social de um povo e representando a sua função principal de abrigo. Refletindo seus valores culturais e econômicos e sendo necessário entender sua origem e desenvolvimento com o estudo acadêmico como o popular.

Não se pode esquecer sua interdependência com o ambiente, ou seja, com as condições climáticas, com as técnicas disponíveis, com a política, com a cultura e com a visão de mundo do usuário. Este é a tipologia de edificação mais construída, porém existem problemas graves ligados a este tema como o aumento

da densidade demográfica que geraram problemas em questão outros setores como a mobilidade, a demanda de infraestrutura urbana e a impermeabilização do solo.

O estatuto da cidade entra nesta questão para tentar ordenar o crescimento das cidades e regulamentar o uso da terra no Brasil. A sua primeira diretriz afirma a necessidade da sustentabilidade em uma cidade com crise ambiental, crise de identidade, crise de moradia, crise de segurança, violência, destruição do patrimônio cultural e desemprego. Esta diretriz não somente trata da questão ambiental nas construções para o bem estar do meio ambiente, ela também influencia na diminuição de problemas como o lixo, o barulho, as enchentes, ou seja, reflete no bem estar, na satisfação, na felicidade e na relação harmônica das construções e seus habitantes com a cidade e a natureza de todos vivem a cidade.

Fortaleza, a cidade estudada neste trabalho, demonstrou de certa maneira que não houve um planejamento nem gestão do patrimônio ambiental e cultural. Problema que resultou no crescimento desordenado e na geração de graves questões urbanísticas já citadas.

Muitos aspectos de uma boa moradia estão sendo ignorados. A questão da casa como mercadoria é uma delas. Hoje quando se pensa o edifício, busca-se o maior lucro e para alcançá-lo tanto na construção de casas como edifícios módulos, normatizações, como a diminuição do pé direito e a diminuição da área construída são pensados para aumentar a rentabilidade do construtor. As plantas, em geral, hoje, não permitem a disponibilidade de atividades que não sejam o básico da sobrevivência. Pode-se questionar que as novas edificações de alto padrão apresentam uma grande área de convívio no térreo. O problema é quantos desejam sair de seu apartamento para terem uma atividade de lazer em um espaço sem privacidade, pois o que for realizado ali pode ser visto por quem passa no térreo e tem que muitas vezes ser agendado. Somente as atividades de comer e dormir são bem atendidas nestes espaços, pois a circulação pode ficar comprometida com a colocação do mobiliário básico. A falta de intimidade e privacidade são reflexos desta diminuição do espaço, pois a sua divisão interna diminui ainda mais a sensação espacial.

Para a população mais humilde, a questão é mais séria. Não estou falando da pouca oferta de espaços públicos como praças e a presença deles nos condomínios habitacionais do programa minha casa minha vida não que será questionada sua quantidade nem sua qualidade. O fato que quero chamar a atenção é a oferta de apartamento com pequena área como 45 m<sup>2</sup> para este perfil de famílias. A questão de espaço mínimo para se viver, brincar, engatinha, relaxar, colocar todos os eletrônicos e moveis vistos como necessários em uma residência também deve ser pensada.

Ao lado deste problema está o barateamento deste tipo de construção que alcança níveis perigosos, pois estão fazendo edifícios com paredes estruturais e sem pilares. Não bastou entregar as plantas sem acabamentos e pinturas no interior, precisaram tirar a parte estrutural para conseguirem se encaixar no financiamento da caixa. A modularização, racionalização da construção, repetição de projetos em diferentes áreas são práticas existentes e aplicadas que já diminuía a qualidade espacial dos apartamentos. O problema fica sério e com perigo contra a vida de quem ali habita quando o morador pensa em expandir, abrir uma janela e não consulta a construtora, um fato comum, pois a auto construção é uma tradição do povo brasileiro. Existem projetos que foram pensados para permitir e guiar esta expansão determinando como deve ser feita e mostrando exemplos de possibilidades, porém este não é o caso da maioria dos casos construídos.

A construção de edificações geralmente está presente em áreas com certo adensamento urbano e em áreas de infraestrutura urbana. Quando se constrói um edifício com 4 famílias por andar e tendo 15 andares. Supõe-se que cada casa tem 2 carros, fato comum hoje, ou seja, somam-se 120 carros a mais aumentando o congestionamento e o tráfego na região. O fato de chegar e sair de casa se torna um habito mais estressante e prejudica a qualidade de vida de todos que ali vivem com o aumento do congestionamento, barulho e emissão de gases. O problema maior é que nunca se constrói um, mas vários edifícios próximos o que intensifica mais as problemáticas citadas acima. Isto é reflexo da pouca conexão com a rua com a calçada e com a cidade.

A casa se tornou uma prisão com a cerca, arames farpados, cão de segurança, guardas armados, vigia e ainda assim não é seguro. Alarmes e câmeras fora e

dentro da residência são as medidas praticadas em menor número diante do aumento da insegurança.

A casa deve representar a segurança, o abrigo, o local aonde se tem memórias e vivências. Quando se começa a homogeneizar as necessidades espaciais, choca-se com a realidade de mercado. Para se ter um local que atenda mais que as necessidades básicas, é necessário se ter uma alta renda, pois as classes média e baixa sofrem deste mesmo problema. O sonho não se encaixa com a realidade da falta de qualidade de espaço construído. Hoje os jovens e as crianças só têm praticamente a residência como área para brincar graças a insegurança constante. Se não há espaço para a descoberta, a brincadeira, para a inocência e a liberdade, nem podendo mais engatinhar por impossibilidade espacial, estamos vivendo em lares ou em habitações para se dormir e comer?

Aprender com o passado é necessário, pois problemas tanto na questão urbana como na questão da residência como lar e construção não são novos. Cada época tem algo para ensinar seja nacionalmente seja internacionalmente. Se pode utilizar conhecimentos da divisão interna da residência holandesa e da ventilação na residência regional do interior do Ceará para gerar um espaço mais confortável e bem aproveitado por exemplo.

O novo não deve ser esquecido, questões como a sustentabilidade estão presentes em todos os aspectos da sociedade sendo a questão do habitar parte dele. Melhorar cada vez mais a casa deveria ser um objetivo constante, infelizmente esta não é a realidade. Este trabalho buscou abrir os horizontes sobre a situação da moradia e suas problemáticas mostrando sua importância. O projeto é um exemplo de inúmeras possibilidades de intervenções que podem ser executadas para melhorar o lar e o modo de vivenciar o espaço que chamamos de casa.

## O6.Memorial Descritivo

A casa como lar é o conceito deste trabalho. Mostrar a importância deste tema foi o motivador deste TFG (Trabalho final de Graduação). A moradia deve representar o porto seguro e o conforto depois de um longo dia, pois ela deveria atender às necessidades físicas e psicológicas do ser humano. O lar é seu castelo e abrigo. Respeitar esta unicidade é fundamental para se pensar e entender este tipo de espaço. Esta foi uma das lições aprendidas com este trabalho. Perceber que cada membro da família tem uma visão e uso distinto do mesmo espaço foi outra. As crianças em especial com sua visão de mundo única exigem lugares especiais, pois seu mundo está em constantes mudança: no modo de usar o espaço, nos gostos e na preferência das cores, então o espaço tem que ser dinâmico para comportar mudanças. A medida que ela cresce sua perspectiva do espaço muda: a cama da mãe deixa de parecer enorme. Trabalhar com estas problemáticas e gerar um espaço criativo para ela se desenvolver melhor e que lhe permita adaptar o seu redor a sua nova visão de mundo é um dos meus grandes desafios do trabalho.

A literatura utilizada foi muito importante e forneceu uma visão única sobre o tema. Livros como *House, Forme and Culture* de Amos Rapoport e *Arquitetura popular brasileira* de Gutler Weimer me deram um olhar novo sobre a formação e caracterização da habitação. Culturas diferentes desenvolveram necessidades diferentes que nem sempre tiveram o fator único do clima como determinante. As sociedades geraram prioridades próprias e daí veio o desenvolvimento da cultura, tecnologia e religião. Existem pontos semelhantes e outros distintos em civilizações com clima e necessidades básicas parecidas. Entender esta formação e como o Brasil recebeu estas influências é perceber o porquê de certas posturas, opiniões e métodos construtivos hoje. Como o regionalismo, a cultura é a reunião de conhecimentos e regras gerados com o passar dos anos e só apresenta grandes transformações com os séculos.

Livros como *Home: a short story of an idea* of Witold Rybczynski e *Casa College*, *Un ensayo sobre la arquitectura de la casa e Espacio y Lugar* de Yi Fu Tuan mostraram o lar sua importância e seu desenvolvimento. Os conceitos de conforto e família foram fundamentais para se pensar e se organizar a casa hoje no mundo. Pode-se ter falado da Holanda, Estados Unidos, Inglaterra e Europa, mas a vida hoje é globalizada e estes conceitos estão presentes na cultura de todos. O que foi mostrado também é que o local ainda tem muito impacto. Para se entender o conceito de moradia é preciso olhar em uma escala menor, mas para perceber a especificidade do país, do estado, da família e da experiência de vida aumenta-se a escala. Ambos conhecimentos são importantes e a falta de um deles gera um espaço genérico e inadequado para a família.

### 6.1.Localização

O ambiente a ser trabalhado é um apartamento de 99 m<sup>2</sup> localizado na capital do estado do Ceará no bairro Papicu na rua Carlos Barbosa 55, Ed. Paroma. (Ver prancha 01).

## 6.2. Perfil do cliente

Este trabalho buscou mostrar como era importante entender a cultura, a história e experiência pessoal para entender como e porque o lugar foi gerado. Agora, então, será mostrado o perfil da família em questão deste trabalho. O nome será preservado para se manter a privacidade da família.

A família em questão é composta dos pais e uma filha de 6 anos de idade. Ambos os pais hoje se dedicam ao ensino de Pa-kua.

## 6.3 Contextualização

### 6.3.1. Sr Costa

O pai da família será chamado de Sr Costa neste trabalho. Ele nasceu em Fortaleza no ano de 1976 tendo hoje 38 anos. Morou toda sua vida na capital, mas hoje viaja frequentemente em todo território brasileiro e também no exterior. Durante toda sua vida morou em 3 casas distintas. A primeira, foi a casa de seus pais. Para segunda, um apartamento, mudou-se em 2004 quando se casou. O projeto deste TFG é a reforma desta moradia. A terceira se caracteriza pela residência na Espanha na qual passou 5 anos e voltou para Fortaleza voltando a residir no apartamento anterior.

Na sua infância, passou mais dentro de casa sem utilizar a rua como área de lazer. Na juventude ganhou mais liberdade e durante o período universitário viajou bastante. Da casa de infância o espaço que mais se lembra é a sala, pois ela tinha um sofá confortável. Hábito mantido até hoje em todas as casas em que morou.

Formou-se em odontologia, porém desde 1998 começou a viver do Pa-kua, ensino desta arte marcial chinesa, depois de trabalhar em um consultório.

### 6.3.2. Sra Costa

Será chamada de Sra. Costa neste trabalho. Nasceu em Fortaleza no ano de 1977 e está hoje com 37 anos. Mudou-se para Minas Gerais aos 4 anos de idade, porém não tem lembrança desta época. No estado de Minas, mudou-se 2 vezes, sendo 5 moradias ao longo de sua vida. Segundo ela, todas as casas mineiras foram amplas e com muitos cômodos, pois sua família era composta pelos pais e sete irmãos apesar de ser de uma família humilde. A mais lembrada é a da cidade de Montes Claros, Minas Gerais, no bairro de Lurdes. Mudou-se para Fortaleza após o casamento e o término da faculdade de Pedagogia. Começou a praticar Pa-kua entre os anos de 2002 e 2003 vivendo desta modalidade somente em 2004.

A rua foi um espaço muito utilizado na sua infância. Conhecia os vizinhos com os quais brincava muito no quintal e na varanda de sua casa. O balanço que colocavam nas árvores frutíferas é uma lembrança forte.

### 6.3.3.Casa Madrid

Possuía uma sala e cozinha grandes com ampla área para sofás cheslong. A vista também era privilegiada. Um fato que sentem falta desta casa é a profundidade dos armários e da divisão da cozinha.

### 6.3.4.Pakua

*“ Pa-Kua é um conhecimento milenar que nos auxilia a lidar com as mudanças da vida ao nosso entorno por meio de disciplinas de artes (como Formação Marcial, Acrobacia, Armas de Corte etc) e de disciplinas de cura e de harmonização (como Tai Chi, Sintonia, Medicina Chinesa etc.). Esta é a essência da filosofia Pa-Kua, cujo termo significa oito (Pa) mutações (Kua).*

*Na busca pelo equilíbrio que o Pa-Kua desenvolve o ser humano para adquirir harmonia interna e equilíbrio, alcançando, com isso, uma vida mais plena. Este conhecimento foi desenvolvido pelos chineses e é aplicado, atualmente, com grande sucesso, nas Escolas de Pa-Kua na América do Sul, da América do Norte e da Europa.*

*A Escola de São Paulo oferece aos seus alunos diferentes práticas. Todas as práticas de Pa-Kua incentivam valores éticos, tais como respeito e humildade, além do melhoramento físico e mental dos praticantes, sendo que cada uma enfatiza meios diferentes para que se atinja o mesmo objetivo. “(<http://pakuasp.com/sobre-o-pa-kua/>)*

Esta modalidade de arte marcial trabalha várias vertentes de trabalho físico como acrobacia, marcial ... e a busca do autoconhecimento para melhoramento pessoal. Esta filosofia não busca competição, mas sim o praticante se tornar um ser humano melhor. Um dado importante a ser citado é dentro de sua graduação interna da escola, os que possuem faixa preta necessitam melhorar como pessoa depois trabalhar para a comunidade para seguir se graduando. Este adendo está sendo feito, pois o casal em questão vive esta prática diária a 10 anos. Foi graças a isso o interesse e estudo em Feng Shui.

O estudo do oriente veio do interesse do cliente, como dito acima, e meu, pessoal. Durante o trabalho percebi que seus desejos tinham muitas características similares a arquitetura residencial da tradicional japonesa. Desejavam um espaço com poucos móveis quase minimalista. O branco foi uma cor muito pedida junto com o geometrismo prismático que foi dado como exemplo de interior desejado. Este interesse me fez levar a colocar outras características da espacialidade nipônica como a flexibilidade espacial, a importância da paisagem em todos os cômodos, a separação mais suave da área externa e interna apresentando um ambiente intermediário como a sala e o conceito de belo japonês o wabi(simplicidade e quietude) e sabi (elegante simplicidade). Poucos elementos podem definir o espaço tornando-o único, confortável e seu.

#### 6.4. Influência Japonesa no projeto

A questão da flexibilidade, do gosto pela arrumação de cada coisa em seu lugar e do tamanho reduzido da arquitetura japonesa foram pontos também considerados.

Ao longo dos séculos os japoneses têm vindo a criar inúmeras formas de otimizar o espaço, de uma forma engenhosa numa combinação bem sucedida de pragmatismo, harmonia e beleza. O dobrar, o empilhar, enrolar, encaixar, transportar, consolidar, miniaturizar e transformar são algumas das técnicas, que levaram à designação de *Compact Culture*. (Luiz B. Machado, **CASAS PARA VIVER E TRABALHAR EM TÓQUIO** Habitações unifamiliares contemporâneas em contexto urbano, pag 42)

Estes conceitos foram utilizados no trabalho na escolha do branco e o marrom da madeira escura como referência cromática do projeto. Cores intermediárias como o marrom palha foram pensadas para ajudar a harmonizar o ambiente. O fato de o ambiente apresentar cores básicas permite a transformação do espaço com a colocação de cores na decoração se for o desejo da família. O quarto da filha segue este pensamento, pois precisa estar apto para se modificar junto com o crescimento da criança. Alguns móveis têm rodas para facilitar a limpeza e a mobilidade futura.

#### 6.5. Influência Regional no projeto.

O regional não está somente na arquitetura, mas também no modo de falar, no modo de viver e no modo de pensar. Embora pouco tenha sido dito especificamente sobre ele, foi buscado compreender e documentar sua origem e seus elementos, pois como um dos conceitos primordiais deste trabalho como família, privacidade e conforto, ele foi gerado com a os séculos formando hoje o que chamamos de tradição.

Do estudo da arquitetura regional, foram utilizados conhecimentos da ventilação e insolação.

Da habitação brasileira foram considerados: a organização espacial dos cômodos e hábitos diários que estão presentes com a família como comer na sala de jantar e a presença de uma sala estar/jantar. Pensou-se na ideia de se fazer uma cozinha americana, porém os problemas com a reforma de fachada não tornaram a ideia aplicável.

#### 6.6. O Bairro

Em 1970, a classe média buscou alternativas para se morar perto da aldeota que pedia grande poder aquisitivo. Estes bairros próximos foram Joaquim Távora,

Fátima, Varjota, Papicu, Praia do Futuro. Essa ocupação, por muitas vezes foi feita via especulação imobiliária retirando pescadores e população nativa da região. Dez anos antes, tinha-se construído o Hospital Geral de Fortaleza.

Os bairros em Fortaleza nunca foram bem definidos, não se sabendo onde iniciam nem até onde vão. Além desse fato, vários bairros mudavam de nome, o que ajudava a confundir mais ainda.

Havia uma verdadeira imensidão de dunas, que se estendia desde o que é atualmente conhecida como a Avenida Pontes Vieira até a Praia do Futuro. Contudo, não demorou muito para que esse luxo da natureza sucumbisse à ocupação desordenada e sem um perfil claramente definido para um bairro. Daí que, para lá, convergiram, desde a década de 1960, o Hospital Geral de Fortaleza (HGF), a cervejaria Astra (depois comprada pela Brahma) e o conjunto habitacional Cidade 2000. Por fim, assumiu características de um lugar predominantemente residencial.

## 6.7.O APARTAMENTO

Os moradores em questão se mudaram para o local 2 anos após sua entrega. Com mobiliário novo que parte ainda se encontra no apartamento hoje. O mobiliário móvel foi vendido e o local posto para aluguel quando viajaram para a Espanha. Segundo o morador, será necessário mudar a fiação elétrica para colocar por exemplo água quente nos dois banheiros usados na casa, o social e o do casal.

### 6.7.1.Problemática

O ambiente a ser trabalhado é um apartamento de 99 m<sup>2</sup> localizado na capital do estado do Ceará no bairro Papicu .

O apartamento apresenta uma suíte, dois quartos, sala estar/jantar, cozinha, área de serviço e três banheiros. O mobiliário será modificado, pois foi comprado isoladamente sem seguir um projeto para o local e apresentam danos com o uso.

Quando retornaram com uma filha, a residência não se adequava mais as suas necessidades.



FIGURA 72 e 73- Fotografia do quarto da filha.

Quarto da filha tinha os seguintes problemas:

- Tinha pouco espaço para brincar em seu quarto como um armário pequeno para suas roupas e brinquedos.
- A escrivaninha era pequena para se estudar junto com a mãe.

A sala apresentava-se com mobiliário provisório e com pouca ventilação na área do sofá.

A cozinha se tornou a grande preocupação da Sra Oliveira que sente a falta de espaço para armazenar suas louças.



FIGURA 74 e 75- Fotografia do quarto de empregada e serviço respectivamente.

A área de serviço hoje tem os seguintes problemas:

- Não apresenta local para se colocar os produtos de limpeza, roupa limpa e suja como um móvel.
- A área hoje utilizada para passar roupa é a mesma é a mesma utilizada como varal junto com a varanda



FIGURA 76 e 77- Fotografia do quarto de casal.

O quarto de casal apresentava os seguintes problemas:

- Pouca área de armário necessitando dividir o móvel existente o que gerou o desejo de cada um ter o seu armário individual.

- A falta de espaço para colocar os sapatos e a roupa de cama.
- Uma mesa é utilizada para suporte da televisão.
- Falta de sensação de organização visual mesmo com arrumação constante.



FIGURA 78e 79- Fotografia do banheiro casal. FIGURA 80 e 81- Fotografia do banheiro social

Os banheiros têm os seguintes problemas:

- Não apresenta área para armazenagem, ou seja, ausência de armários fixos.
- Necessidade de trocar a rede elétrica.
- Renovação estética e visual.
- A Iluminação e área de espelho poderia ser melhorada.

## 6.8.Projeto

### 6.8.1.Quarto da filha



FIGURA 82 e 83- Fotografia do quarto de hospede que se tornará quarto da filha.

Foi decidida a mudança da filha para o quarto de visita mais amplo sendo o dela transformado em escritório/ quarto de hospede. Um armário amplo foi projetado pensando no seu crescimento futuro. A escrivaninha foi projetada com o mesmo pensamento e mantendo as cores madeira e branca permitindo assim a colocação de elementos rosas segundo o desejo da menina. Cortinas serão mantidas para controlar a insolação pela manhã mesmo o quarto se localizando para o nascente. (Ver pranchas 10, 11, 12)



FIGURA 84 e 85- Imagem renderizada do projeto do quarto da filha.

### 6.8.2.Sala Estar/jantar

O problema de pouca área de armário está presente em todos os quartos principalmente na cozinha e na suíte do casal, pois a Sr. Costa, denominação para proteger a privacidade da cliente, tem muita louça e prataria na casa de outras pessoas não podendo guardar em casa. A cristaleira foi pensada para resolver este problema e se encontraria na sala de jantar, pois como fazem as refeições na mesa da sala, as louças do dia-a-dia ficam ficarão guardadas neste armário. (Ver prancha 09)

A ventilação da sala de estar é precária em dias de pouco vento o que pode ser resolvido com a retirada da porta da cozinha e a aberturas de duas janelas altas na cozinha gerando uma ventilação cruzada por toda a casa. Na sala, o casal também deseja um sofá confortável que caiba toda a família estilo chaise longue. (Ver prancha 07)

Na decoração, será colocado em uma parede um mural para fotos de família, um desejo antigo do casal. Será comprada uma a mesa de 6 lugares com o resguardo que a 6 cadeiras da esquerda seja usada somente se necessário, pois atrapalha a passagem para a cozinha. (Ver prancha 07,08,09)



FIGURA 86 –Imagem da sala hoje. FIGURA 87-Imagem da sala projetada.

### 6.7.3.Cozinha



FIGURA 88-Fotografia da cozinha.

A cozinha é uma das maiores preocupações da cliente, pois deseja uma cozinha grande com armários profundos, porém devido ao espaço existente ser estreito e longo apresentando 2m x 4,70 com, haverá perda em número de armário se comparado ao existente hoje com o deslocamento da geladeira e a colocação da coifa para esta parede, o que foi necessário para se gerar uma circulação adequada de 1,20m e uma espacialidade harmônica. A ventilação da coifa será feita por dutos no forro. (Ver prancha 16 e 17)

A escolha de colocar o micro-ondas e fornos elevados gerou um gaveteiro e um compartimento de 60 cm que fica a 30cm do teto para permitir a ventilação dos eletrônicos.

A temática da decoração será mantida com o branco e tom marrom escuro na cerâmica da parede na coifa e rodeando alguns armários que abriam em sua maioria com toque mágico, por isso a ausência de puxadores. (Ver prancha 16)

O azulejo será trocado pela modulação de um cerâmico branco 60x60cm substituindo o de 30x30 existente. (Ver prancha 16)

Um armário alto na parede de fachada será colocado para aumentar a área de armazenamento e uma bancada com altura de 90 cm para suporte não será adicionada a pedido da cliente que não deseja um local que só junta o objetos deixando a cozinha com aspecto desarrumado. (Ver prancha 18)

Foi colocado um painel de madeira para separar visualmente a geladeira da sala, mas também pode servir com outros usos como quadro de avisos. (Ver prancha 17).

Uma porta foi adicionada para separar visualmente a área de serviço da cozinha quando necessário. Para não atrapalhar o suporte do espelho da bancada de granito da cozinha, foi construída uma parede para onde a porta corre (sentido oposto). Mesmo sem a ventilação da área de serviço, a porta de incêndio com sua janela alta já ventila a sala sem gerar desconforto. (Ver prancha 18)



FIGURA 89-Imagem da cozinha, serviço e quarto de empregada.

#### 6.7.4.Áreas de Serviço

Mudou-se a função de varanda de estender roupa para jardim vertical sendo toda a roupa estendida na área de serviço que conta como uma entrada excepcional de vento para toda a casa. Armários e prateleiras foram colocados para resolver o problema de armazenamento e a área da máquina de lavar vai receber prateleira para armazenar os produtos de uso contínuo e um pequeno armário em baixo da pia. (Ver prancha 16)

O azulejo da construção será trocado por um de 60x60 cm de pequena juntas para modernizar a área de serviço. (Ver prancha 16)

#### 6.7.5.Suíte de casal

Foi pensada a retirada da mesa e colocação de dois armários de uso individual e foi planejada uma cama com cabeceiras e cama integrada. As cores dos armários são de madeira escura a ser escolhida em sua moldura como toda a modulação cabeceira da cama, por outro lado os armários, paredes com exceção na qual vai ficar o suporte da televisão e piso serão brancas. Desta maneira foi respeitado os princípios de cores do projeto e o mobiliário remete ao oriental com suas divisórias externas e sua porta corrediça. (Ver prancha 13,14 e 15)

A televisão terá seu local na parede em frente a cama com uma pintura de marrom palha para gerar harmonia visual no cômodo. (Ver prancha 13)



FIGURA 90 e 91-Imagem do quarto de casal.

### 6.7.6. Escritório/Quarto de Hóspede

O escritório tem a função eventual de quarto de hospede que acontece com frequência de 3 meses e eventual quarto do segundo filho. Como a localização do cômodo foi modificada (trocada com o antigo quarto da filha), os mobiliários de uso da menina serão retirados. O problema maior no quarto é a ventilação que é uma das piores da casa necessitando de ventilador, mas posteriormente ar-condicionado. Foi planejado um armário, estante e prateleiras que se adequam aos 3 usos possíveis. (Ver prancha 19)(ver imagem 72 e 73)

Foi pensada uma mesa de estudo e um apoio para se colocar livros. Será utilizado um sofá-cama de casal. A troca de piso vai depender da escolha do cliente, mas recomendada para unificar os espaços da sala e quartos. As paredes serão brancas. O mobiliário é composto de madeira e mdf branco harmonizando o cômodo esteticamente. (Ver prancha 19)

A cor marrom palha será utilizada na parede próxima a porta para dar mais destaque a mesa de estudo e dar harmonia visual. A sobriedade de um escritório foi mantido, mas seus tons neutros permitem a personalização do espaço. (Ver prancha 19)



FIGURA 92-Imagem do quarto de hospede.

### 6.7.7. Banheiro

Para ele foi pensado a colocação de armário, troca do azulejo e criação de uma moldura para espelho criando um espaço funcional, fácil de limpar, bonito e elegante.

O do casal recebeu dois gaveteiros e dois suportes em cima da bancada que permitem a divisão fácil, entre o casal, se desejado. A iluminação nas laterais do espelho permitem uma visualização melhor para a maquiagem. (Ver prancha 21)

A escolha do azulejo mais escuro foi feita pela fácil e rápida execução, manutenção e limpeza. (Ver prancha 21)



FIGURA 93-Imagem do banheiro social.

FIGURA 94-Imagem do banheiro de casal.

No social, optou-se pela gaveta e prateleira que apresentam mais leveza dada a menor necessidade de armazenamento do banheiro. A pedra e madeira escura personalizam o espaço de modo simples e eficiente (ver prancha 20).

## Conclusão

Com o estudo da moradia com sua história e desenvolvimento, viu-se que ela é um sistema complexo que tem múltiplas variantes com a economia, cultura e sociedade. Suas variantes são inúmeras por todo o mundo, mas não se pode esquecer que representa uma necessidade básica do ser humano de proteção e abrigo.

Viu-se que a casa está ligada à noção de vida, ou seja, as relações familiares principalmente se desenvolvem ali, então ela se torna um lugar, um espaço de referência para aquele indivíduo para toda a vida. Agora um caráter abstrato de identidade, familiaridade, domesticidade são dados a aquele espaço que se torna um lar. O modo de pensar e viver do morador é refletido naquele lugar caracterizando-o, ou seja, é o que faz a tipologia casa ser tão importante. Variantes e padrões são trabalhadas para gerar lugares únicos, pois cada lugar, cliente, construção são únicas e isso é o que torna a atividade de projetar moradias um desafio constante de aprendizado e desenvolvimento. O lar é um lugar, um espaço que foi embutido com os sentimentos por algumas pessoas e assim se tornou especial e cabe ao arquiteto identificar as variantes psicológicas para gerar o projeto.

A visão do que foi discutido acima só foi possível com o desenvolvimento das ideias de conforto e privacidade revolucionaram o que chamamos de casa e como ela é habitada. Entender estes conceitos possibilitou compreender o presente e para isso, estudar o regionalismo foi essencial. As grandes culturas que geraram nossa tradição arquitetônica foram estudadas e mostraram suas influências hoje. Neste sentido, foi-se falado de regionalismo, uma cultura que se originou com o passar dos séculos pegando elementos diversos que formam hoje a chamada tradição. Não foram citados casos de arquitetura do interior por já se terem discutidos alguns elementos que os formaram.

Infelizmente no Brasil, direito e acesso a moradia de qualidade não está disponível a todos. Muito foi desenvolvido nesta área, porém a problemática é muito grande e complexa. A qualidade do construído entra como outra variável que está se mostrando muito grave no país e em Fortaleza. Foi esta preocupação um dos motivos que motivou este trabalho. Mostrar a importância deste tema e desta tipologia foi o resultado obtido. Perceber e exemplificar que uma boa intervenção pode ser feita levando em consideração todos estes parâmetros e gerando como resultado final um lugar.

## Bibliografia

AZEVEDO, Sérgio. *Desafios da Habitação Popular no Brasil: políticas recentes e tendências*. **Coleção Habitare - Habitação Social nas Metrôpoles Brasileiras**.

BERNARDINI, Camila S.M. *OS CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS E O PODER POLÍTICO NO ESPAÇO URBANO: O CASO DA LAGOA DO PAPICU – FORTALEZA/CE*. **36º Encontro Anual da Anpocs**.

BONDUKI, Nabil. *Política habitacional e inclusão social no Brasil: revisão histórica e novas perspectivas no governo Lula*. **Artigo**.

CARDOSO, Adauto Lucio Cardoso. *Política Habitacional no Brasil: balanço e perspectivas*. **Observatório IPPUR/UFRJ-FASE**.

CARDOSO, Adauto Lucio Cardoso. *HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL: Política ou mercado? Reflexos sobre a construção do espaço metropolitano*. Rio de Janeiro, 2011.

CAIXA. *Demanda habitacional no Brasil*. **Caixa Econômica do Brasil**, 2012.

CORNELL, Laurell. *House Architecture and Family Form: Laurel I. On the Origin of Vernacular Traditions in Early Modern Japan*. **TD SR volume V III Número II**. 1997.

Fundação João Pinheiro. *Déficit Habitacional Municipal no Brasil 2010*. **Ministerio das cidades Secretaria Nacional de Habitação**, 2013.

Hijioka, Akemi, JOAQUIM, Bianca & INO, Akemi Ino. *Minka - The houses of Japanese immigrants in Ribeira valley, São Paulo, Brazil*. 2013.

IBGE. *Censo demográfico 2010*. Instituto de Geografia e Estatística (IBGE), 2010.

LORENZETTI, Maria Sílvia Barros Lorenzetti. *A QUESTÃO HABITACIONAL NO BRASIL*. **Consultoria Legislativa, estudo Julho 2001**.

VASCONCELOS, Ana Cecília S. B. *CASAS CEARENSES - ESTUDO DE CASO: Um Lugar para Identidade e Sustentabilidade*. Tese de mestrado, UFC. 2008.

MACHADO, Luís Filipe A. dos S. B. *CASAS PARA VIVER E TRABALHAR EM TÓQUIO*. *Habitações unifamiliares contemporâneas em contexto urbano*. Mestrado em Arquitetura pelo Instituto Superior técnico de Lisboa. 2010.

- Martins, Tathiane A.de L. *O REFERENCIAL HQE® E O PROJETO DE ARQUITETURA: Diretrizes para sustentabilidade ambiental no contexto do semi-árido alagoano. Reflexões sobre a cidade de Pão de Açúcar – AL. Mestrado UFRJ,2010.*
- MONTEYS, Xavier e FUENTES, Pere. Casa Collage, Un ensayo sobre la arquitectura de la casa. Gustavo Gili, Spain. 2001.
- SOARES, Joiasa Maria Barroso Soares. *Parque ecológico do Cocó: A produção do espaço urbano no entorno de áreas de proteção ambiental.* Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente Área de Concentração: Ecologia e Organização do Espaço,2005.
- RAPOPOR, Amos. House, Forme and Culture. 1969.
- Rybczynski. Witold. *Home: a short story of an idea* .Penguin Books.1986.
- SOUZA, Francisco Clemente de. *A Política habitacional Brasileira: limites e desafios.* Trabalho de conclusão de curso UEPB. Campina Grande 2012.
- TUAN, Yi Fu. Espaço e Lugar. A Perspectiva da Experiencia.DIFEL.1983.
- VILÁ, Montse Puig. *Análisis de la necesidad solar en una transformación urbana de densificación: Una experiencia en Tokio.* Master en arquitectura en la Universidad Politécnica de Catalunya. 2010.
- WEIMER, Gutler. *Arquitetura popular brasileira. Martins Fontes São Paulo,2005.*